



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Paula Gesteira Gomes

**Análise discursiva de notícias sobre a admissibilidade do processo de
impeachment veiculadas nas cidades de São Paulo e Bahia**

Rio de Janeiro

2017

Paula Gesteira Gomes

**Análise discursiva de notícias sobre a admissibilidade do processo de *impeachment*
veiculadas nas cidades de São Paulo e Bahia**



Dissertação apresentada, como requisito parcial, para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Deusdará

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

G633 Gomes, Paula Gesteira.
Análise discursiva de notícias sobre a admissibilidade do processo de impeachment veiculadas nas cidades de São Paulo e Bahia / Paula Gesteira Gomes. – 2017.
113f.

Orientador: Bruno Deusdará.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Impedimento - Brasil – Teses. 3. Jornalismo – Aspectos políticos – São Paulo – Teses. 4. Jornalismo – Aspectos políticos - Bahia – Teses. 5. Poder (Ciências sociais) – Teses. 6. Imprensa e política - Teses. I. Deusdará, Bruno. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 82.085

Bibliotecária : Mirna Lindenbaum CRB7/4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paula Gesteira Gomes

**Análise discursiva de notícias sobre a admissibilidade do processo de impeachment
veiculadas nas cidades de São Paulo e Bahia**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 23 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^o. Dr. Bruno Deusdará (Orientador)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Poliana Coeli
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Maria Del Carmem Daher
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas nós mulheres que ainda precisamos lutar por uma sociedade justa e igualitária. Em especial, as mulheres da minha vida que me impulsionaram para que eu pudesse chegar aonde cheguei.

AGRADECIMENTOS

Há tempos, em alguma abertura de novela de Manoel Carlos, escutei na música de Tom e Vinícius a seguinte frase: “*Fundamental é mesmo o amor, é impossível ser feliz sozinho*”. Nas suas devidas proporções, adaptei esta frase ao que me cabe, e ela deu contorno a minha vida. Foi a partir de então que eu realizei que sozinha jamais chegaria até aqui. É, pois, o momento de agradecer àqueles que, de alguma forma, contribuíram para isso.

Em primeiro lugar, à mulher que me deu a vida e que é o grande exemplo de força e vitalidade que me constituiu enquanto mulher. Mãe, obrigada por tudo, sempre!

Em segundo lugar, agradeço de uma maneira geral a minha família: meu pai, meu irmão, meus primos/irmãos, minha tias, minha querida *vozinha*.

Aos meus amigos da vida, que conquistei no CRIAA, as amigas de infância, aos amigos do mestrado, e, em especial aos amigos que foram a grande presença neste período mais intenso: Lúcio e Larissa.

De maneira especial, gostaria de agradecer aos queridos professores com quem convive por esse tempo. Conviver com vocês foi muito mais que uma bagagem acadêmica, obrigada pela dedicação e por todo conhecimento que vocês nos possibilitaram de maneira tão generosa.

Ao meu orientador, Bruno Deusdará, obrigada pela confiança e o cuidado nos momentos de dificuldade.

liturgia

ave maria esquerda
ave maria da luta
ave maria que forma
que modela
o humano
eu sei que com essas palavras me dano
talvez suas metralhas me matem
suas salas me sufoquem
ave maria esquerda
ave maria de marcas
ave maria de lua
ave maria de sortes
ave maria de mortes
ave maria bandeiras
ave maira estrelas
cansados no anoitecer
ave maria da vida
perdida
brigando num sol amanhecer.

Alzira Rufino

RESUMO

GOMES, Paula Gesteira. *Análise discursiva de notícias sobre a admissibilidade do processo de impeachment veiculadas nas cidades de São Paulo e Bahia*. 2017. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Objetiva-se, neste trabalho, apresentar uma discussão sobre os discursos de *impeachment* produzidos nas cidades de São Paulo e Bahia, no período da votação da Câmara dos Deputados, pela admissibilidade do impedimento da presidente Dilma Rousseff. Recorreremos às notícias divulgadas nos jornais digitais de maior representatividade em cada cidade- Folha de S. Paulo e Correio 24h. Propomo-nos a fazer uma análise, nos termos foucaultianos (1995) de poder e resistência relacionados ao conceito de subjetividade difundidos por Guattari (1986). Na perspectiva da AD, recorreremos aos estudos de Maingueneau (1997 – 2005) sobre o primado do interdiscurso e práticas discursivas. Somado a isto, a contribuição de Sant’Anna (2003) nos estudos sobre discurso relato como estratégia organizadora da notícia. Os resultados sugerem que o posicionamento dos enunciadores/jornalistas acontece de maneiras diversas e são identificáveis na forma como seus textos são construídos.

Palavras chaves: Análise do discurso. *Impeachment*. Poder. Resistência. Práticas discursivas.

Discurso relatado.

ABSTRACT

GOMES, Paula Gesteira. *Discursive analysis of news about the impeachment admissibility process published in São Paulo and Bahia*. 2017. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The objective of this work is to present a discussion about the impeachment speeches produced in the cities of São Paulo and Bahia during the voting time of the Chamber of Deputies, for the admissibility of the impediment of President Dilma Rousseff. We will use the news published in the most representative digital newspapers in each city - Folha de S. Paulo and Correio 24h. We propose to make an analysis, in the Foucauldian (1995) terms of power and resistance related to the concept of subjectivity diffused by Guattari (1986). From the perspective of AD, we turn to the studies of Maingueneau (1997 - 2005) on the primacy of interdiscourse and discursive practices. Added to this, the contribution of Sant'Anna (2003) in the studies on discourse reports as organizing strategy of the news. The results suggest that the positioning of the enunciators / journalists happens in different ways and are identifiable in the way their texts are constructed.

Keywords: Discourse analysis. Impeachment. Power. Resistance. Discursive practices. Reported speech.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	As notícias sobre o <i>impeachment</i> no período de 15 a 18 de abril de 2016 – Jornal Folha de São Paulo	51
Quadro 2 –	As notícias sobre o <i>impeachment</i> no período de 15 a 18 de abril de 2016 – Jornal Correio24h	52
Quadro 3 –	Ocorrência de discursos relatados na notícia 1 – JFS	60
Quadro 4 –	Ocorrência de aspas na notícia 1 – JFS	61
Quadro 5 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i>	62
Quadro 6 –	Ocorrência de discursos relatados na notícia 2 JFS – 1ª parte	64
Quadro 7 –	Designações atribuídas às vozes da notícia 2 – 1ª parte	66
Quadro 8 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i> – 1ª parte	67
Quadro 9 –	Ocorrência de discursos relatados na notícia 2 – 2ª parte	67
Quadro 10 –	Designações atribuídas às vozes da notícia 2 – 2ª parte	69
Quadro 11 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i> – 2ª parte	69
Quadro 12 –	Ocorrência de discursos relatados na notícia 2 – 3ª parte	70
Quadro 13 –	Designações atribuídas às vozes da notícia 2 – 3ª parte do texto	71
Quadro 14 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i> – 3ª parte	72
Quadro 15 –	Ocorrência de discurso relatado na notícia 3 – JC24h	73
Quadro 16 –	Ocorrência de designação na notícia 3 – JC24h	74
Quadro 17 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i> na notícia 3 – JC24h	75
Quadro 18 –	Ocorrência de discurso relatado na notícia 4 – JC24h	76
Quadro 19 –	Ocorrência de designação na notícia 4 – JC24h	77

Quadro 20 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i> na notícia 4 – JC24h	77
Quadro 21 –	Ocorrência de discurso relatado na notícia 5 – JC24h	78
Quadro 22 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i> na notícia 5 – JC24h	79
Quadro 23 –	Ocorrência de discurso relatado na notícia 6 – JC24h	80
Quadro 24 –	Ocorrência de designação na notícia 6 – JC24h	81
Quadro 25 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i> na notícia 6 – JC24h	81
Quadro 26 –	Ocorrência de discurso relatado na notícia 7 – JC2	83
Quadro 27 –	Ocorrência de designação na notícia 7 – JC24h	85
Quadro 28 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i> na notícia 7 – JC24h	85
Quadro 29 –	Ocorrência de DR na notícia 8 – JC24h	86
Quadro 30 –	Ocorrência de designação na notícia 8 – JC24h	88
Quadro 31 –	Ocorrência de verbos <i>dicendi</i> na notícia 8 – JC24h	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

JC24h	Jornal Correio 24h
JFS	Jornal Folha de São Paulo
DR	Discurso Relatado
DS	Discurso Segundo
DI	Discurso Indireto
I	Intertexto
DN	Discurso Narrativizado

SUMÁRIO

	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1	CONTEXTUALIZAÇÃO	18
1.1	2013 - As Jornadas de Junho	18
1.2	2014 - Um ano de múltiplas manifestações	21
1.3	2015 - As manifestações polarizadas: Quem foi às ruas a favor e quem foi contra o governo?	22
1.4	2016 - A abertura do processo de impeachment	23
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1	A abordagem discursiva	25
2.1.1	O primado do interdiscurso	25
2.1.2	Práticas discursivas	29
2.1.3	A hipótese da semântica global e seus planos.....	31
2.2	Poder, resistência e subjetividade.....	34
2.2.1	O poder e as relações de poder.....	34
2.2.2	A resistência e as lutas	41
2.2.3	A produção de subjetividades	45
3	PERCURSO METODOLÓGICO	49
3.1.	Os gêneros do discurso	53
3.2	O Discurso Relatado nas notícias de Jornais	56
3.3.....	Os verbos <i>dicendi</i> no texto jornalístico	57
4	ANÁLISE	59
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
	REFERÊNCIAS	94
	ANEXO A - Notícia 1 – Jornal Folha de S. Paulo	98
	ANEXO B - Notícia 2 – Jornal Folha de S. Paulo	99

ANEXO C - Notícia 3 – Jornal Correio 24h	103
ANEXO D - Notícia 4 – Jornal Correio 24h	105
ANEXO E - Notícia 5 – Jornal Correio 24h	106
ANEXO F - Notícia 6 – Jornal Correio 24h.....	108
ANEXO G - Notícia 7 – Jornal Correio 24h.....	110
ANEXO H - Notícia 8 – Jornal Correio 24h	112

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Algumas pesquisas são frutos de curiosidades, outras nascem de uma dúvida sobre algum tema estudado anteriormente e outras são consequências de uma experiência de vida. Esses modos de caracterização da relação do pesquisador com o objeto estudado teriam algo em comum: a explicitação dos vínculos entre ciência e vida.

Nesse sentido, a pesquisa que aqui apresentamos surgiu durante a minha primeira experiência em uma manifestação política de grande visibilidade, nos marcos históricos mais recentes, as chamadas Jornadas de Junho. Participar desse ato político, onde foi possível observar a atuação de pessoas que, como eu, se engajavam ineditamente foi de suma importância para me interessar pelos acontecimentos que se seguiram após esse marco. Esse traço de ineditismo na atuação em manifestações de rua foi explorado na repercussão pela grande imprensa¹.

Sem pretender estabelecer relações causais simplificadoras, parece-nos importante destacar que não apenas em 2013, mas também nos anos subsequentes o espaço das ruas se tornou arena de intensas e movimentadas manifestações. Após essa grande movimentação de massa em 2013, os anos que seguiram também foram marcados por várias outras manifestações em que outros segmentos da população foram às ruas, e esse espaço compreendeu diferentes formas de atuação. Desenvolveremos a seguir como as etapas podem ter levado à situação que trouxe o cenário político de 2016.

Antes, pretendemos fazer um breve apanhado histórico que de conta de contextualizar, no espaço e no tempo, o ponto de onde retiraremos nosso *corpus*. Em 2013 o país vivia um momento histórico que resgatava a ocupação das ruas num movimento de enorme proporção mobilizando milhares de pessoas.

É interessante observar a dimensão que as Jornadas de Junho alcançaram em esfera nacional, muitos estados, num ritmo consonante protestaram contra o aumento das passagens. Para mim, aquela ação tão grandiosa parecia inédita na história do Brasil e que talvez se aproximasse do movimento dos “caras pintadas” na época do primeiro processo de *impeachment* da Nova República, o de Fernando Collor, em 1992. Decerto, eu não tenha sido a única que participou das manifestações acreditando nisso, aliás, esse é um ponto a ser

¹ Sobre as manifestações populares de 2013 ler Luiz Felipe Melo Eduardo, disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_f5dff9ae99c4bf33023d6355672ada96>. Acesso em: 05 fev. 2017

considerado: uma manifestação repleta de presenças inesperadas, de um político que nunca antes participou de um ato como este. Mas, ao iniciar minhas pesquisas, pude perceber que este evento não foi inédito, muito pelo contrário. Pode ser que haja algo de novo em alguns aspectos – a simultaneidade de eventos em diferentes cidades do país, por exemplo. Mas fica claro que o espaço democrático das ruas vem sendo, há tempos, amplamente utilizado, inclusive para reclamar do transporte coletivo.

Em “Cidades Rebeldes”, livro que reúne textos elaborados por diversos estudiosos que tematizam as rebeliões ocorridas em junho de 2013, o grupo MPL – SP produziu um ensaio neste livro onde afirma que a questão da tarifa é um direito à cidade. A leitura desse ensaio retoma a discussão sobre as ruas enquanto um espaço democrático e histórico de lutas.

No texto, o MPL – SP assume a autoria da organização que desencadeou as revoltas de junho de 2013. No entanto, lembram que o país tem um vasto histórico de lutas e revoltas quando o assunto é transporte coletivo. Os enunciadores retornam ao ano de 2003 que, para eles, foi o início de todo processo que culminou nos eventos de 2013, iniciou-se em Salvador uma série de manifestações que se estenderam por todo o mês de agosto daquele ano, uma resposta ao aumento do Buzu. Estima-se que 40 mil pessoas participaram desse protesto. Segundo o ensaio “A Revolta do Buzu” exigia na prática, nas ruas, um afastamento dos modelos hierarquizados; expunha outra maneira, ainda que embrionária, de organização.

Em 2004, na cidade de Florianópolis, a população também foi à rua contra o aumento da tarifa. Os acontecimentos do que foi nomeado “A Revolta da Catraca” serviu de base para a fundação do MPL no ano seguinte. Um movimento social de transportes autônomos horizontal e apartidário, cujos coletivos locais, federados, não se submetem a qualquer organização central.

As revoltas não cessaram, as experiências em que a população apoderou-se das ruas pela organização do transporte se repetiu nas revoltas de Vitória (2006), Teresina (2011), Aracaju e Natal (2012) e Porto Alegre e Goiânia (início de 2013). Não podemos desconsiderar, de acordo com o texto, as revoltas que também se repetem nas periferias sempre que pneus e ônibus queimados revertem o corte de linhas das quais dependem os moradores. Além daqueles que implementam a tarifa zero na prática, pulando catracas, passando por baixo, entrando pela porta traseira, etc...

Voltamos à discussão acerca do ineditismo dos eventos de 2013. Como mostramos acima, a questão dos protestos em torno do aumento das tarifas dos transportes públicos não é novo, contudo, alguns aspectos puderam ser observados pela primeira vez. Secco (2013) aponta dados fornecidos pela Folha de S. Paulo que revelam fatos importantes com relação

aos participantes das manifestações em São Paulo: 84% não tinham preferência partidária; 71% participavam pela primeira vez de um protesto; 53% tinham menos de 25 anos; 77% das pessoas possuíam ensino superior. Segundo o autor, esses dados mostram o óbvio: desde 1992 não havia protestos amplos e generalizados no país, portanto, foi a primeira vez dos jovens manifestantes.

Segundo Vainer (2013), a rapidez com que se espalharam, pelas multidões que mobilizaram, pela diversidade de temas e problemas postos pelos manifestantes são alguns dos aspectos que tornaram esse evento grande e raro na história.

As manifestações que inicialmente lutavam pelo não reajuste das passagens dos coletivos foi tomada por uma multiplicidade de pautas e agendas políticas, essa ampliação acabou gerando uma cisão dentro do próprio movimento. Secco (2013) aponta um momento importante que pode revelar essa reviravolta:

Na manifestação de 20 de junho, a direita mostrou uma face dupla: grupos neonazistas serviam para expulsar uma esquerda desprevenida, enquanto inocentes “cidadãos de bem” de verde-amarelo aplaudiam. O número de participantes no país foi o mais até então. Mas começou a cair logo em seguida. A mudança ideológica dos protestos coincidiu com a queda abrupta do número de manifestantes. O movimento que começara apartidário se tornava então *antiapartidário* (SECCO, 2013, p.128)

Assim como coloca o autor, a coincidência da mudança de ideologia dos protestos e a queda abrupta do número de pessoas acabaram por esvaziar o movimento.

Para embasar nossa pesquisa, utilizaremos os conceitos de Maingueneau (2007), no que tange à concepção da análise do discurso, na corrente francesa. Exploraremos a ideia de que o interdiscurso precede o discurso, a que o autor chamou de *o primado do interdiscurso*. Dando continuidade aos princípios que regem a AD na visão de Maingueneau (2007), discorreremos sobre o que se entende por “prática discursiva” e, na sequência, os aspectos linguísticos da semântica global que nos amparará fundamentalmente no momento da análise.

Na perspectiva teórica analítica iremos discutir conceitos substanciais nos estudos de Foucault (1988) que versam sobre poder e resistência, construindo um paralelo à noção de subjetividade difundida por Guattari (1986).

As perspectivas teóricas da AD de Maingueneau e a analítica do poder de Foucault propõem conceitos em torno dos quais é possível observar pontos de convergência. A partir da ideia levantada por Foucault (1988) que afirma o poder não ser uma força centralizada e sim, uma força em relações, é possível compreender um vínculo com a proposta de Maingueneau (2005) em que o autor sustenta a visão de que o discurso também não advém de

uma origem central, de uma relação autônoma, o discurso é precedido pelo interdiscurso. É preciso considerar a anterioridade da presença do discurso do Outro na formulação do enunciado. Em outras palavras, o discurso, assim como o poder, se realiza essencialmente em relações.

Nosso objetivo, neste momento, é fazer um paralelo que correlacione os eventos de Junho aos eventos que propiciaram o *corpus* do presente trabalho: a iminência do *impeachment* da presidente reeleita em 2014, Dilma Rousseff.

Considerando que as manifestações populares tiveram um caráter majoritariamente progressista, mas não apenas, o *impeachment* representa um revés/derrota/golpe ao que se deu em 2013. Isso porque, entre outros aspectos, as ruas também se tornaram espaço de manifestações de caráter mais conservador, como aquelas que sugeriram a retomada de militares no poder político.

O objetivo do trabalho é investigar a construção discursiva em torno do “*impeachment*”, analisando a repercussão da votação da admissibilidade do processo em notícias de jornal, que circularam em duas cidades diferentes.

Como objetivos específicos pretendemos analisar os atores sociais envolvidos na notícia, observando suas designações, além de outros aspectos linguísticos como: os discursos relatados, indiretos e narrativizados; os embates disputados na notícia, os termos destacados pelas aspas e os verbos *dicendi*.

Pretendemos averiguar de que forma as notícias sobre o *impeachment* são veiculadas nas notícias que circularam nessas duas cidades, que tiveram representatividades diferentes e expressivas, na votação da Câmara, no que tange a questão da admissibilidade do processo de *impeachment*. Posto isso, a pergunta que norteia nosso trabalho se estabelece da seguinte maneira: Quais são os possíveis efeitos de sentido gerados quando um mesmo evento é noticiado em diferentes cidades brasileiras? Quais são os atores sociais convocados a falar sobre o evento e quais lugares são atribuídos a eles em tais textos?

Para desenvolver este estudo, iniciamos com um capítulo de contextualização das manifestações populares de 2013, passando pelas manifestações que ocorreram nos anos seguintes: em 2014, principalmente pelos protestos contra a Copa da FIFA; em 2015, as crescentes manifestações organizadas por grupos mais conservadores, cuja agenda política era a preservação da família tradicional brasileira; e, em 2016, o avanço do discurso que pedia o *impeachment*, bastante difundido no ano anterior, até sua culminância em 2016.

No capítulo 2, apresentamos ao leitor a fundamentação teórica, a partir da discussão foucaultiana sobre poder e resistência, relacionando ao conceito de subjetividade difundido por

Guatarri (1986). Em seguida, damos dimensão na abordagem discursiva pelo viés da linha francesa e, nos aprofundamos nos conceitos geridos por Maingueneau: “o primado do interdiscurso”, “práticas discursivas” e “os elementos linguísticos da semântica global”.

No capítulo 3, discutimos nosso percurso metodológico, apresentando o caminho trilhado, detalhadamente, para mostrar como chegamos à delimitação do *corpus*, que foram as notícias sobre a votação da admissibilidade do *impeachment*.

No capítulo 4, apresentamos nossa proposta de análise dos sentidos problematizados, levando em consideração o gênero discursivo escolhido- a notícia; e, os aspectos linguísticos pertinentes a esse gênero: os discursos relatados, indiretos e narrativizados. Nas considerações parciais, apresentamos um panorama sobre todas as notícias analisadas e as impressões obtidas.

E, por fim, nas considerações finais, vamos indicar as interpretações possíveis acerca de toda discussão trazida ao longo do trabalho.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Neste capítulo, apresentamos alguns elementos que julgamos necessários na construção de uma contextualização das manifestações populares desde junho de 2013. Esta proposta de recorte temporal já antecipa algo que nos parece fundamental reafirmar: uma contextualização é sempre um recorte operado no tempo e no espaço, para dar consistência ao que se pretende investigar.

Para essa construção, é preciso ter o cuidado para não sugerir que uma contextualização dos eventos pudesse ser única ou já guardasse um consenso entre os diversos analistas. A cada lance da história, os eventos anteriores serão sempre recolocados na memória social.

1.1 2013 - As Jornadas de Junho

Neste item, recuperamos elementos que nos permitam compreender sentidos atribuídos às manifestações que ficaram conhecidas como “Jornadas de Junho”, privilegiando uma narrativa dos fatos baseadas em autores que abordaram o assunto, ainda que seja um acontecimento recente e que seus reflexos não estejam postos de forma evidente.

Propomo-nos a falar neste trabalho sobre os discursos de *impeachment* que surgiram em meados de 2015 e que tomaram proporções ainda maiores em 2016. Contudo, sugerimos uma retrospectiva sobre as então manifestações ocorridas em Junho, pois julgamos ser este um momento divisor de águas no que tange à retomada das ruas, praças e avenidas como o espaço de reivindicações das massas.

Fornaciari (2016) afirma que este comportamento que pudemos observar recentemente nas ruas do Brasil não é novo. Essas mobilizações sociais são recorrentes e atuam para mudanças na condução das políticas públicas. As marchas dos “cara-pintadas” pelo impeachment do presidente Collor, em 1992 e a luta pelas “Diretas Já”, em 1983/84, são exemplos trazidos pela autora.

Ainda que sejam recentes os acontecimentos, alguns estudiosos se arriscam a indicar pontos de partidas para tentar compreender as explosões de Junho. Antunes e Braga (2014) tentam supor a culminância das manifestações em 2013.

Talvez seja possível sugerir que sua explosão deveu-se a uma *processualidade interna*, de superação de um longo período de letargia, articulado com uma *processualidade externa*, caracterizada por uma época de sublevações em escala global, que se ampliaram enormemente a partir da crise estrutural de 2008 (ANTUNES; BRAGA, 2014, p.42).

Para Antunes e Braga (2014), pode existir uma correlação entre os acontecimentos dos últimos anos, que afirmam ser uma nova era de lutas sociais, como por exemplo, as lutas populares que ocorreram na Grécia, Itália, França, Inglaterra, Espanha, Portugal, EUA, atendo-se aos países do Norte Ocidental – o que caracterizaria a *processualidade externa*; e, a *processualidade interna* de um estado mais ou menos permanente de insatisfação entre os trabalhadores, em especial, entre os setores mais jovens, não qualificados, semiquilificados e sub-remunerados.

Ainda de acordo com Antunes e Braga (2014), é possível fazer um primeiro desenho do que os autores chamam de “rebeliões” – as manifestações de Junho e Julho de 2013. Para eles, o descontentamento das classes operárias já se fazia notório com ondas de paralisações e greves que vinham ocorrendo desde 2011.

Essa explicação pode nos dar indícios da magnitude das manifestações de Junho. No entanto, é preciso considerar a questão do reajuste das passagens de ônibus e metrô que apontamos como a ponta do *iceberg*. Em Janeiro de 2013 o governo federal solicitou à Prefeitura de São Paulo a suspensão do reajuste da passagem que passaria de R\$3,00 para R\$3,20. Mesmo assim, a Prefeitura anunciou o aumento e, em 6 de Junho, o Movimento Passe Livre (MPL) organizou um ato e foi às ruas de São Paulo.

Os manifestantes tiveram que lidar com a agressividade da polícia militar que, não mediu esforços para confrontar os participantes do ato. Alguns autores consideram que a repressão policial foi um dos principais fatores para a extensão e a visibilidade do movimento. Para Romão (2013), a extrema violência policial na manifestação que ocorreu em 13 de Junho foi a virada nos editoriais das mídias com relação ao movimento, que antes disso era comumente taxado de baderna e rebeldia; os manifestantes eram chamados de vândalos e baderneiros.

A extrema violência da polícia na quarta manifestação marca a virada nos editoriais das mídias com relação ao movimento. Esse momento foi crucial e se deu “ao vivo”, quando chegaram as primeiras imagens de cinegrafistas e repórteres atingidos por balas de borracha. Isso já havia acontecido nos dias anteriores, mas foi no dia 13 que a mídia televisiva suspendeu a programação normal e manteve os canais abertos na cobertura das manifestações e da ocupação da Avenida Paulista pela PM. (ROMÃO, 2013, p. 159)

Esse elemento parece indicar um caráter novo a essas manifestações. A motivação para participação nos eventos já não se restringe à pauta original. A adesão vai ganhando novos contornos e motivações no próprio processo de realização.

Alzamora e Rodríguez (2013) também acreditam que a ação desmedida da polícia contribui para o aumento progressivo do grupo:

O repúdio à ação truculenta da polícia paulistana, cujos registros feitos por manifestantes alcançaram larga difusão em conexões de mídias sociais, é considerado um dos motivos que fizeram milhares de pessoas irem às ruas em todo o país. (ALZAMORA; RODRIGUÉS, 2013, p.2)

Por fim, relacionamos outro fator importante que muitos autores citam em seus trabalhos como pontos centrais para a grandeza das manifestações – as mídias sociais². Para Alzamora e Rodríguez (2013), os eventos criados no Facebook foram essenciais no planejamento coletivo das ações nas ruas, bem como as *hashtags* do *Twitter*. Um pouco mais cauteloso, Romão (2013) também credita certa contribuição das redes sociais. Para ele, essa é uma tese de difícil comprovação empírica, contudo é muito provável que o uso cada vez mais intenso das redes sociais (especialmente o *Facebook* e o *Twitter*) tenha propiciado a articulação entre os grupos de manifestantes das diversas cidades onde ocorreram protestos (ROMÃO, 2013, p. 155).

Temos, portanto, 4 grandes fatores que contribuíram, na perspectiva dos autores, para o fenômeno das Jornadas de Junho: 1) a insatisfação popular; 2) a atmosfera mundial de movimentos sociais; 3) a repressão policial juntamente com a mudança de postura das grandes mídias, e; 4) o advento das redes sociais.

É preciso considerar também que a produção de enunciados bastante difundidos nas redes sociais e nas grandes mídias fomentaram certos discursos que caracterizaram as manifestações. Eduardo (2015) pontua a recorrência do enunciado “o gigante acordou”. Para ele, a produção desse enunciado se referia a um movimento de “retomada de consciência” do povo que, antes, vinha andando sem expressividade, sem atitude na construção da sociedade.

Dessa forma, o que se sugere através desse enunciado é que o país viveu um longo momento de apatia política e o vocábulo “acordou” pressupõe que a população movimentou-se após longos anos desde a última grande manifestação popular, em prol do *impeachment* do então presidente Fernando Collor de Melo. (EDUARDO, 2015, p. 26)

Acreditamos que essas manifestações inauguraram uma nova perspectiva da rua como um espaço de disputas sociais, de lutas e resistências. A seguir, vamos expor como as

² A exemplo de estudos que se interessam pelo papel das mídias sociais nos debates públicos, remetemos o leitor à pesquisa de Guida (2017).

manifestações dos anos seguintes se realizaram no então retomado espaço das ruas, praças e avenidas.

1.2 2014 - Um ano de múltiplas manifestações

Após as manifestações ocorridas em Junho de 2013, outros atos sucederam contra a Copa das Confederações, no entanto, não com a mesma repercussão. Romão (2013) destaca o Rio de Janeiro, em especial, onde a continuidade das manifestações esteve diretamente ligada à greve dos professores estaduais e do município que paralisaram por 2 meses em 2013 e tornaram a entrar em greve em 2014. O autor destaca ainda que o desaparecimento do pedreiro Amarildo quando estava sob a custódia dos policiais da Unidade de Polícia Pacificadora da Rocinha, também foi um ponto que teve lugar em muitas manifestações.

Nitidamente em 2014 o espaço das lutas na rua tomou outro contorno, bem diferente das ocorridas no ano anterior. Às vésperas da Copa do Mundo manifestantes ocuparam as ruas e o confronto com policiais foi extremamente violento:

O segundo protesto contra a Copa do Mundo do ano, em São Paulo começou por volta das 17h45. Gritando palavras de ordem como "Não vai ter Copa", o grupo tomou a Avenida Ipiranga, em frente à Praça da República. Uma hora depois do início do protesto, o tumulto começou. Policiais que se mantinham às margens das ruas e nas calçadas passaram a isolar grupos de manifestantes no meio da via, na rua Xavier de Toledo, no sentido do teatro Municipal. (DANTAS, 2014)

Um fator importante que é preciso considerar, no cenário que foi construído no ano de 2014, foi o Congresso eleito. No artigo publicado no jornal O Estadão, Souza e Caram (2014) baseados no levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (DIAP), afirmam que o congresso eleito em 2014 foi o mais conservador desde 1964, época da ditadura. Ainda neste artigo, a voz do diretor do Diap, Antônio Augusto Queiroz é trazida para prever quais possíveis consequências desse fato. E, para ele, *“a tensão criada pelo debate de pautas como a legalização do casamento gay e a descriminalização do aborto deve se acirrar no Congresso, agora com menos influência de mediadores tradicionais, que não conseguiram se reeleger”*. Em outras palavras, a aposta do especialista era de que, as questões ligadas às causas sociais poderiam sofrer um declínio, pela diminuição dos parlamentares que sustentavam esse debate.

Outro momento importante de 2014 foram as eleições presidenciais. O processo eleitoral também foi marcado de muitos fatos que trouxeram algumas reviravoltas e culminaram para a reeleição da então presidente Dilma Rousseff.

1.3 2015 - As manifestações polarizadas: Quem foi às ruas a favor e quem foi contra o governo?

No ano de 2015, pudemos observar a organização das classes sociais que apoiam a política de ordem mais conservadora. Com convocações de grupos como o “Vem pra rua”, “Movimento Brasil Livre” e “revoltados *on line*”, sem explicitar suas vinculações partidárias, mas, simultaneamente com presença de dirigentes dos partidos mais conservadores, setores da classe média foram às ruas protestar contra o governo. Do outro lado, centrais sindicais e simpatizantes do governo também coordenaram protestos compondo manifestações que se opunham ao pedido de abertura do processo de *impeachment*.

Uma discussão importante acerca das manifestações ocorridas em 2015 foi a ida às ruas de um grupo que afirmavam não ser a favor do governo, mas eram contra o golpe que julgavam estar acontecendo. Esse debate, que propulsiona uma disputa dos sentidos atribuídos às palavras *golpe* e *impeachment*, vai ser explorado por nós mais a frente. Mas, aqui, cabe ressaltar que os dois grupos opostos que se estabeleceram nas manifestações foram os que eram a favor do *impeachment versus* o grupo que defendia a democracia, e acusavam o processo como golpe.

Em 2016, o processo de *impeachment* é aberto e os grupos se tencionam com ainda mais força. Julgando esse discurso uma ameaça ao estado de direito democrático, a oposição política posiciona-se a contra o que foi denominado de golpe.

1.4 2016 - A abertura do processo de impeachment

Nas manifestações de 2015, foi possível observar a crescente adesão dos discursos favoráveis ao processo de *impeachment*, porém, apenas em 2016 o processo foi protocolado na Câmara dos Deputados, pelo presidente Eduardo Cunha, para que fosse possível dar andamento a ele.

Para que se inicie um processo de *impeachment*, é preciso que cidadãos se mobilizem para elaborar um pedido formal encaminhado a Câmara dos Deputados. No caso da presidente Dilma Rousseff, em seu segundo mandato, a Câmara recebeu mais de 30 pedidos de *impeachment*. Porém, o então presidente da Câmara – Eduardo Cunha, aceitou o pedido redigido por 3 juristas – Janaina Paschoal, Miguel Reale Jr. e Hélio Bicudo.

Em março de 2016, começou efetivamente o processo que culminaria posteriormente no impedimento. Em março, após o recesso de final de ano, foi formada uma comissão com 65 nomes apontados pelos líderes partidários e aprovados pelo plenário, de acordo com as determinações estabelecidas pelo STF.

Cabe ressaltar alguns eventos que tencionaram ainda mais o processo, por exemplo: as investigações da Operação Lava Jato, que chegou até o ex-presidente Lula, principal aliado da então presidente Dilma; outra questão muito debatida e, particularmente, para nós, de suma importância, a discussão sobre o motivo do impedimento – as pedaladas fiscais e o crime de responsabilidade. O impasse sobre esses tópicos gerou um grande questionamento: seria esse processo de natureza jurídica ou política? Estaria a oposição se aproveitando da impopularidade de Dilma? O grupo de deputados pró-governo começou a questionar a legitimidade do processo e a qualificar como golpe político.

Em 17 de abril, num espetáculo midiático, transmitido ao vivo no domingo, em horário nobre, voto por voto, a Câmara autorizou a abertura do inquérito. Em sessão histórica, dos 513 deputados, 367 votaram a favor da admissibilidade do processo de *impeachment*. O próximo passo, de acordo com o novo procedimento do processo de *impeachment*, diferentemente de como aconteceu na época do Collor, o Senado deveria conferir o mesmo processo.

No Senado, a primeira votação passa tranquilamente onde 55 votos eram favoráveis e 22 contra. A partir desse momento o processo passa por uma comissão especial do *impeachment* no Senado - com os mesmos membros, mas dessa vez com direito a: oitivas de

testemunhas, tanto de acusação, quanto de defesa; perícia, cujos resultados puderam ser utilizados pela defesa e acusação; e, convocação para a presidente comparecer à comissão.

Segundo o que está previsto na Constituição, o processo se encerra com o julgamento em plenária do Senado, presidida pelo presidente do STF.

Em 31 de agosto, na sessão de julgamento do Senado Federal, 61 senadores votaram favoravelmente. Consequentemente, a presidente afastada perdeu definitivamente o mandato. Contudo, outro fato chamou atenção nesse processo. Após a definição do *impeachment*, os senadores puderam decidir sobre a inelegibilidade da presidente pelos próximos 8 anos. Ironicamente, Dilma não foi impedida de concorrer a um cargo político o que, para muitos favoráveis ao governo - políticos da bancada governistas, por exemplo -, significou a confirmação de um golpe, onde a não condenação de Dilma confirmava sua inocência.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No presente capítulo, discutiremos os pressupostos teóricos de nossa pesquisa, procurando explicitar a articulação que consideramos produtiva entre uma perspectiva discursiva das práticas de linguagem (MAINGUENEAU, 1997) e uma reflexão micropolítica do poder (FOUCAULT, 1988) e dos processos de subjetivação (GUATTARI, 1996).

Iniciaremos nossa discussão teórica pela apresentação de dois conceitos organizadores da perspectiva discursiva com a qual trabalhamos: o primado do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2005) e a noção de prática discursiva (MAINGUENEAU, 1997).

Para fundamentar os aprofundamentos filosóficos deste trabalho, vamos beber da fonte de Foucault e nos basearemos em suas questões sobre poder e resistência como formas de produção de subjetividade, entendidas por Guattari (1986). Entendemos ser de grande valor trabalhar questões que, diariamente nos assola e nos submerge com sua força de opressão. Em seguida, vamos discutir as questões sobre Poder, Resistência e Subjetividade, no intuito de observar como esses conceitos se desdobram dentro da nossa sociedade, principalmente no que tange a abordagem conceitual entre discurso e poder, levando em consideração os discursos de *impeachment* aqui abordados.

2.1 A abordagem discursiva

Neste item, centramos nossa caracterização da abordagem discursiva a partir de dois conceitos que nos parecem fundamentais: o primado do interdiscurso e a noção de prática discursiva.

2.1.1 O primado do interdiscurso

Neste item, explicitaremos nosso referencial teórico de base, privilegiando as noções de interdiscurso (MAINGUENEAU, 2005). A perspectiva discursiva adotada centra-se no

primado do interdiscurso como um princípio teórico organizador, passando pelas questões que permeiam os discursos, as formações discursivas, o simulacro e o universo discursivo. Esses conceitos nos ajudam a entender os fatores que constituem uma formação discursiva. No caso deste trabalho, pretendemos averiguar os embates acerca dos discursos de *impeachment*, no campo dos discursos midiáticos.

Ao analisarmos um discurso, é preciso entender as questões que o constituem. Maingueneau (2005) aponta os conceitos fundamentais que compõem o que ele chama de primado do interdiscurso. O autor, a partir das contribuições de Bakhtin (2003), afirma que o discurso é integralmente constituído pela presença do outro, composto por heterogeneidades. Mesmo que não se mostre como tal, mesmo que pretenda fazer ver a “presença de um ‘eu’”, o discurso é, de acordo com esta perspectiva teórica, marcado pela presença constitutiva da alteridade. O que significa dizer que o discurso que produzimos é uma versão atualizada dos discursos de outrem, dos nossos discursos anteriores, de textos que nos atravessaram durante a vida.

A presença do outro na constituição do nosso discurso nos faz chegar a uma outra noção importante para esse tipo de reflexão: a de *heterogeneidade mostrada*. Essa noção nos permite identificar a presença do Outro no discurso como alteridade claramente anunciada (AUTHIER-REVUZ, 1990). O discurso citado, as autocorrekções, as palavras entre aspas são exemplos da explicitação da presença do Outro. Já a *heterogeneidade constitutiva*, como um princípio teórico, sustenta o caráter constitutivo da alteridade. E a questão a ser abordada aqui é justamente essa: ainda que não haja o aspecto do Outro evidenciado, essa relação dialógica é inextricável – o Mesmo do discurso e o seu Outro.

Os estudos do Círculo de Bakhtin são essenciais para dar suporte ao fundamento da discursividade – a relação com o Outro. Authier-Revuz (1990) se apoia no dialogismo de Bakhtin, para quem o discurso reencontra o discurso do outro em todos os caminhos que levam a seu objeto, essa relação vai ser, portanto, inevitável. O que significa dizer que todos os nossos enunciados são impregnados dos discursos que nos capturaram desde o momento em que discursamos pela primeira vez.

A esse respeito, garantir, nesse caso, a autonomia do discurso, para Maingueneau, é uma ilusão, pois, como dissemos acima, não estreamos nada de novo quando se produzem os discursos, apenas promovemos um corte, organizamos as diversas vozes já existentes. Dito de outro modo, Bakhtin (2003, p.320) afirma que o locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. Essa imagem do Adão mítico, mencionado por Bakhtin, revela que o objeto de discurso do locutor se torna, inevitavelmente,

o ponto onde se encontram as opiniões de interlocutores imediatos, ou então as visões de mundo, as tendências, as teorias, em suma, nada é original, único. A impossibilidade de dissociar a interação dos discursos do funcionamento intradiscursivo é a essência dialógica de todo enunciado do discurso, ou seja, não há como separar o que é a fala do outro do que é a fala do “eu”, os discursos estão imbricados. Diferente do que se poderia pensar, do ponto de vista sustentado pelo autor, não há uma interioridade do discurso, que pudesse ser caracterizada como anterior às relações que esse discurso estabelece com seu exterior. Com efeito, o que se propõe é que o discurso seja integralmente atravessado pela presença da alteridade. Desse ponto de vista, a interioridade de um discurso encontra-se em delimitação constante a partir de sua relação com os outros discursos.

Contrariando a clássica concepção de Roman Jakobson (2007), que estabelece a teoria da comunicação num esquema no qual o outro é apenas um receptor passivo. Na perspectiva de Jakobson (2007), a linguagem apresenta uma variedade de funções, mas, para que possamos compreender cada uma delas, devemos levar em conta os elementos constitutivos de todo ato de comunicação, qual seja: remetente, destinatário, mensagem (de acordo com um contexto) e código (estabelecido por um contato). De acordo com esse esquema, é preciso entender que, para haver comunicação, é necessário que a mensagem se encaixe em alguns requisitos: um contexto apreensível pelo destinatário; um código que seja conhecido por remetente e destinatário; e um contato ou canal físico e uma conexão psicológica entre remetente e destinatário que permita a troca de informações.

Como o intuito de propor um caminho que nos guie em direção a uma metodologia de análise, utilizaremos a proposta de Maingueneau (2005) como pressuposto para abordagem das práticas de linguagem. Para o autor, o primado do interdiscurso é operacionalizável, baseando-se em três noções: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. O universo discursivo é o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada- o universo discursivo constitui um conjunto finito, ainda que não seja apreendido na sua totalidade. Maingueneau (2005) ressalta ainda que essa compreensão é de pouca utilidade para os analistas e define apenas uma extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão constituídos domínios susceptíveis de serem estudados que são os campos discursivos.

Sobre campo discursivo, Maingueneau (2005) aponta um conjunto de formações discursivas que estão em concorrência, essas formações delimitam-se em reciprocidade numa região determinada do universo discursivo. Ou seja, o campo discursivo engloba questões mais delimitadas, dentro de um universo discursivo, que é mais amplo. A concorrência de

formações discursivas vai se inscrever num âmbito amplo, onde deverão ser inseridos os confrontos abertos quanto à aliança, à neutralidade aparente, etc, como o campo político, filosófico, dramatúrgico, gramatical, por exemplo.

Segundo Maingueneau (2005), o discurso é constituído dentro de um campo discursivo. Ele acredita que essa constituição se dá em termos relacionais com as formações discursivas já existentes. Isso não quer dizer que esse discurso vá se organizar de uma só forma, pois existe uma heterogeneidade que, no que se refere aos discursos dominantes e dominados, não os situam num mesmo plano necessariamente. É interessante pensar em campo discursivo, no caso do nosso trabalho, porque tem a ver com os discursos que circulam, ou seja, as formações discursivas que constituem o campo discursivo da mídia, delimitando as temáticas relativas ao político, em especial à construção do evento do *impeachment*. Como dissemos acima, os enunciados se relacionam e não se organizam de uma só forma, justamente por conta das formações discursivas que já existiam sobre o assunto, resultando na pluralidade de enunciados sobre o mesmo tema.

O espaço discursivo surge, então, como um subconjunto das formações discursivas inscritas dentro de um determinado campo onde são colocadas em relação. A exemplo do que se propõe aqui, podemos retomar a discussão elaborada pelo próprio autor e delimitando ainda mais o escopo do nosso trabalho. O linguista francês, em seu trabalho, relaciona os discursos humanista devoto e jansenista. Ele explica que essa associação não estava dada previamente, contudo ela se faz possível depois de análises históricas fundadas sobre um conhecimento dos textos e um saber histórico que serão confirmados conforme o desenvolvimento da pesquisa.

Portanto, nossa pesquisa investigará o campo dos discursos midiáticos, tematizando a construção do evento político do *impeachment*.

Maingueneau afirma que “reconhecer esse tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro*” (MAINGUENEAU, 2005, p. 38). Essa definição corrobora a ideia de que, no nível das condições de possibilidade semântica, haveria, pois, apenas um espaço de trocas e não de identidade fechada, ou seja, o interdiscurso perpassa o espaço do intradiscurso. Podemos dizer que não inauguramos uma fala – o intradiscurso, nossos discursos, não é novo, não é inédito, porque ele é constituído pelas vozes que, durante a nossa história nos atravessaram – o interdiscurso.

Partindo desses conceitos de Maingueneau (2005), pretendemos entender os aspectos que compõem o discurso e, no nosso caso, justificar que as formações discursivas explicam que é possível as diversas produções de sentido sobre um referido tema.

2.1.2 Práticas discursivas

A questão das práticas discursivas é um conceito muito importante para os que baseiam seus estudos na análise do discurso, pois, aqui, buscamos entender quais são as condições de produção dos discursos. Não podemos nos contentar em remeter a questão do discurso às classes sociais, como grupos que tivessem existência própria e absolutamente anterior aos textos produzidos por elas. É preciso pensar que existem grupos, que não estejam divididos em classe, necessariamente, que se apresentam como portadores de mensagens. Porque estamos considerando aqui grupos, não aquilo que se transparece em desvios, obscuridade, mas sim, as coerções que possibilitam a formação discursiva, com as que possibilitam o grupo. Consideramos, portanto, grupos uma organização de enunciadores que produzem textos – qualquer mensagem dotada de sentido, seja ela verbal ou não, e que possuem visibilidade. Em outras palavras, o grupo possibilita a formação discursiva e a formação discursiva possibilita o grupo. O grupo não gera um discurso do exterior, de que não seja de dentro do grupo.

Em quais condições são possíveis uma formação discursiva? Primeiramente, é importante mencionar que estamos trabalhando com a noção de formação discursiva de Foucault (1997) apropriada e reformulada por Maingueneau (1997). Michel Foucault (1997) define formação discursiva como um conjunto de enunciados que não se reduzem a objetos linguísticos, tal como as proposições, atos de fala ou frases, mais submetida a uma mesma regularidade e dispersão na forma de uma ideologia, ciência, teoria, etc. Para Maingueneau (1997, p. 56) essa noção vai fazer referência a um processo de organização que estrutura ao mesmo tempo as duas vertentes do discurso. As formações discursivas concorrentes em um determinado espaço se opõem pelo modo de funcionamento dos grupos que lhes estão associados. Entretanto, Maingueneau (1997) afirma que a FD possui uma vertente social imediata, portanto não se pretende que ela se desenvolva à margem do resto da sociedade.

Propondo uma sistematização dessa produção simultânea de textos e de grupos, Maingueneau (1997) define a noção de prática discursiva implicando que a atividade

discursiva possui duas vertentes: a social e a textual. Se entendemos que a prática discursiva está relacionada a textos que são veículos por grupos, ressaltamos que é justamente essa a perspectiva pela qual selecionamos o *corpus* a ser analisado. São formações discursivas de grupos regionais diferentes- nordeste e sudeste, ao qual supomos que os textos produzidos em cada região respectivamente, de mesma natureza, sejam absorvidos diferentemente. Esse trabalho busca identificar nuances, características dessas formações discursivas.

A partir dessa noção, Maingueneau opta pela substituição do termo **instituição discursiva** por **prática discursiva**, pois, segundo o autor, instituição discursiva refere-se unicamente ao aspecto enunciativo, enquanto a prática discursiva refere-se ao social e textual do discurso. A noção de prática discursiva integra dois elementos: a formação discursiva e a comunidade discursiva.

Maingueneau considera que comunidade discursiva é um grupo ou organização de grupos que produzem textos que dependem da formação discursiva, não deve ser entendida de maneira excessivamente restritiva porque ela não se refere apenas aos grupos - instituições e relação entre os agentes, mas também àquilo que esteja ligado ao plano de organização material e modos de vida.

A formação discursiva tem a ver com historicidade, o que significa dizer que a FD é atravessada por discursos anteriores. Sobre história, compreende-se como a relação entre um **lugar** (um recrutamento, um meio, uma profissão), **procedimentos de análise** (uma disciplina) e a construção de um **texto** (uma literatura).

Para Debray (*apud* Maingueneau), as ideologias são processos de organização. A ideologia não ocorre na esfera das ideias. O autor indaga se a relação de um “pensamento” com um sistema de forças não está implicada pela e dada com a produção deste pensamento mesmo, enquanto produção de uma força própria. A atenção deve estar concentrada na comunidade discursiva.

Para Maingueneau (1997), o processo de constituição do grupo não é exterior nem posterior ao do pensamento. As duas séries constituem-se e desfazem-se conjuntamente. Toda operação de pensamento remete a um dispositivo de transmissão que o estrutura a partir do interior e do qual não se pode ser concebida como “visão de mundo”, mas como modo de organização, legível sobre as duas vertentes da prática discursiva (a social e a textual). Na perspectiva da AD, o sujeito inscreve-se de maneira indissociável em processos de organização social e textual. A esse respeito, Deusdará e Rocha (2013) fazem uma associação dos diálogos entre a concepção foucaultiana de poder e a noção de prática discursiva em Maingueneau e afirmam:

Nesses termos, o social deixa de ser o cenário do encontro de individualidades previamente constituídas e passa a ser pensado como dimensão que se configura a partir de um arranjo sempre provisório de forças, do qual o indivíduo emerge como efeito. Dessa forma, a produção de sentido dos textos não pode mais se apoiar na ilusão apaziguadora de uma origem individual. A atribuição de sentido é processo que remete ao campo de forças que a própria emergência do texto e a de suas leituras posteriores acionam. (DEUSDARÁ; ROCHA, 2013, p. 126)

O que os autores alegam, portanto, partindo da perspectiva da AD e apoiados na concepção de Foucault sobre poder, é a rejeição da anterioridade do lugar de fala, em favor de uma dinâmica de coengendramentos entre os textos e a comunidade de sustentação desses mesmos textos. As concepções de poder e a prática discursiva se aproximam quando ambos assumem que não há uma anterioridade- seja de um poder instituído, seja de um lugar de fala. Para Deleuze (2005), poder nunca está no singular, já que uma força “tem como característica essencial estar em relação, isto é, poder” (DELEUZE, 2005, p.78).

Essa visão, de acordo com Deusdará e Rocha (2013), é interessante para os estudos enunciativos, pois facilita uma apreensão da instância de fala como um lugar que não está dado no empírico, sendo construído simultaneamente ao próprio ato de enunciação, por um lado; e, por outro lado, afirma uma compreensão acerca da produção de sentido como processo não linear, que investe em diferentes dispositivos que são verdadeiros poderes atuando em rede. (DEUSDARÁ; ROCHA, 2013, p.127).

Para concluir, Maingueneau afirma que não é possível que os indivíduos que aderem, de forma mais ou menos próxima, a um discurso apresentam o mesmo grau de envolvimento em tais “comunidades”, mas elas, sem dúvida, representam uma condição essencial de sua constituição e de seu funcionamento. Os textos aparecem, ao mesmo tempo, como uma das modalidades do funcionamento da comunidade discursiva e o que a torna possível; a comunidade se estrutura pelo mesmo movimento que gera os enunciados, suscetíveis, por sua vez, de tematizar, por vezes sutilmente, as instituições que neles estão implicadas e sua própria intrincação com essas últimas.

2.1.3 A hipótese da semântica global e seus planos

A hipótese de uma semântica global vai dar conta das dimensões da textualidade dentro de uma formação discursiva. Ela engloba alguns aspectos que devem ser considerados

e que, para nós, na perspectiva de uma análise, integra e compõe os elementos da enunciação. Maingueneau (2007) lista 7 elementos, que, como o próprio autor afirma, não correspondem a inventário fechado, nem deve ser compreendido como uma sequência ordenada.

O primeiro elemento elencado por Maingueneau (2007) é a **intertextualidade**. O autor destaca a diferença semântica dos termos intertexto e intertextualidade. Para ele, o intertexto é o conjunto de fragmentos que citamos efetivamente; enquanto que, intertextualidade refere-se aos tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas. Na intertextualidade consideramos que todo campo discursivo vai, de uma certa maneira, resgatar discursos anteriores do mesmo campo discursivo, seja atribuindo filiações ou até mesmo recusando outras. Maingueneau (2007) especifica dois tipos de intertextualidade: 1) intertextualidade interna – quando recorremos à memória discursiva interior a um campo; 2) intertextualidade externa – quando, num discurso, fazemos relação com outros campos discursivos, citáveis ou não. O autor exemplifica esses conceitos utilizando os discursos humanista devoto, jansenista e naturalista, onde a relação dos discursos humanistas devotos e jansenista fazem parte do mesmo campo discursivo, portanto podemos classificá-los como intertextualidade interna. E, por outro lado, os discursos humanistas devotos e naturalistas configuram a intertextualidade externa porque são de campos discursivos diferentes.

O segundo elemento apontado por Maingueneau (2007) é o **vocabulário**. O discurso não possui um léxico próprio, portanto, não podemos atribuir um vocabulário próprio para nenhum discurso. Podemos, no entanto, admitir que haja explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais por diferentes discursos. O que, para Maingueneau (2007), quer dizer que a palavra em si não constitui uma unidade de análise pertinente. Mas é possível que identifiquemos, dentro de um discurso, uma palavra que seja recorrentemente utilizada a ponto de ser considerada uma “palavra-chave” desse conjunto textual. Ainda levando em consideração a questão do vocabulário, Maingueneau (2007) avalia que seria errado pensar que, em um discurso, as palavras não são empregadas a não ser em uma razão de suas virtualidades de sentido da palavra, pois além do valor semântico estrito, as palavras aderem a um estatuto de signos de pertencimento: “Entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo (...) a restrição do universo lexical é inseparável da constituição de um território de convivência” (MAINGUENEAU, 2007, p.85)

Maingueneau (2007) destaca os **temas** como terceiro elemento. O autor explica que o “tema” é uma noção muito delicada de se manusear quando a proposta é conferir-lhe um estatuto um pouco preciso, pois, o tema pode ser utilizado em diversos níveis, desde os micro-

temas – um parágrafo, por exemplo; aos macro-temas – uma obra inteira. Contudo, para o autor, a definição que mais importa é a mais vaga: “tema é aquilo que um discurso trata”.

Por definição, os temas que não são impostos pelo campo discursivo podem estar ausentes de um discurso, mas aqueles que são impostos podem estar presentes de maneiras muito variadas: um tema imposto que é dificilmente compatível com o sistema de restrições globais será integrado, mas marginalmente, enquanto que um tema imposto fortemente ligado a esse sistema será hipertrofiado. Pode igualmente ocorrer que os dois discursos atribuam uma importância comparável ao “mesmo” tema imposto, apesar de ele apresentar pequeno grau de conexão em relação a seus respectivos sistemas (MAINGUENEAU, 2005, p. 87).

Em suma, para Maingueneau, a especificidade de um discurso está relacionado à sua formação discursiva e não por seus temas.

O **estatuto do enunciador e do destinatário** é listado por Maingueneau (2007) como o quarto elemento que compõe a semântica global. Para ele, os diversos modos da subjetividade enunciativa dependem igualmente da competência discursiva, ou seja, enunciador e destinatário devem pertencer a um estatuto que viabilize a legitimidade do dizer. Para se obter o êxito na comunicação é necessário ter uma dimensão “institucional” entre a relação do enunciador e do destinatário com as diversas fontes do saber – caracterizando uma dimensão intertextual.

O quinto elemento da semântica global é a dêixis enunciativa. A dêixis enunciativa está relacionada ao espaço e tempo da enunciação. Maingueneau (2007) explica que a dêixis não se trata de uma data ou um local específico. “Essa dêixis, em sua dupla modalidade espacial e temporal, define de fato uma instância de enunciação legítima e delimita a cena e a cronologia que o discurso constrói para autorizar sua enunciação” (Maingueneau, 2007, p.93).

Para o nosso trabalho, cabe destacar a dêixis enunciativa de um modo interessante, pois é preciso analisar o tempo e o espaço em que o uso da palavra *impeachment* entrou em embate com a palavra “golpe”.

O sexto elemento trazido por Maingueneau (2007) é o **modo de enunciação**, ou seja, uma maneira de dizer. A esse elemento, Maingueneau aproxima-se da ideia de “tom”: “Uma dimensão que suscita muito interesse, através da reflexão sobre a “voz”, a “oralidade”, o “ritmo”, e, para, além disso, sobre o próprio corpo” (MAINGUENEAU, 2007, p.95).

O “modo de enunciação” obedece às mesmas restrições semânticas que regem o próprio conteúdo do discurso. Não somente o modo de enunciação torna-se frequentemente tema do discurso, mas, além disso, esse conteúdo acaba por “tomar corpo” por toda parte, graças ao modo de enunciação; os textos falam de um universo cujas regras são as mesmas que presidem sua enunciação. Se, em um quadro “antisubjetivista”, pensa-se, não sem pertinência, a enunciação como associada a um “lugar”, a uma posição” atribuída pelo discurso, não deve por isso

ver no enunciador um mero ponto de entrecruzamento de séries institucionais: ele se constrói também como “tom”, “caráter”, “corporalidade” específicos. (MAINGUENEAU, 2007, p. 97)

E por fim, o **modo de coesão**, o sétimo elemento. A esse elemento associamos a noção de interdiscursividade, que neste trabalho corresponde a um subitem – o primado do interdiscurso. O modo de enunciação refere-se ao recorte discursivo e os encadeamentos. O recorte discursivo se classifica num nível fundamental, atravessando as divisões em gêneros constituídos; os encadeamentos são níveis mais superficiais. “Cada formação discursiva tem uma maneira que lhe é própria de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro...” (Maingueneau, 2007, p. 101).

Maingueneau (2007) afirma que as restrições da semântica global vão se ocupar a especificar o funcionamento discursivo assim como a análise de “ideias” dos sujeitos. O sistema de restrições também define uma relação com o corpo, com o outro... quanto com ideias, é a relação imaginária com o mundo.

2.2 Poder, resistência e subjetividade

Neste item, pretendemos correlacionar os conceitos de poder, resistência e subjetividade, partindo da perspectiva foucaultiana de poder e resistência (FOUCAULT, 1995) passando pela produção de Guattari (1986) sobre subjetividade, com o objetivo de entender como essas noções se relacionam e de que maneira podemos fazer uso dentro do contexto em que esse trabalho se apresenta – as manifestações e os discursos de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff veiculados nas mídias digitais dos estados de São Paulo e Bahia.

2.2.1 O poder e as relações de poder

Partiremos agora, dentro da perspectiva foucaultiana, para uma discussão acerca do conceito de poder. Pretendemos aqui, fazer uma relação dessa concepção entremeada à noção de discurso. Projetamos identificar o elo que se estabelece entre as mídias digitais – em

especial, os jornais digitais, que são nosso alvo, Folha de São Paulo e Correio 24 horas; e, o público que absorve essas notícias por esses canais de comunicação. Se, para Foucault (1995), o poder não está centralizado em apenas uma esfera, como se organizam, então, as relações de poder entre as mídias e seus leitores, levando em consideração o discurso e o poder?

Para ele, o poder não se encontra centralizado em um aparato estatal, que sustentaria a origem do poder. Para Foucault (1979), o poder é um feixe de relações. Para isso duas questões se tornam necessárias: o que legitima o poder? Ou pelo viés de um modelo institucional, o que é o Estado?

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não da conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações, mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do poder (...). (FOUCAULT, 1979. p.2481)

Como dissemos acima, para Foucault (1995), o poder não está localizado em uma só figura, ou em um aparato de estado. Para o autor, sugerir que se pudesse controlar a circulação de pessoas e de mercadorias, que se pudesse impedir movimentos dos corpos, composições dos grupos apenas por uma ação de coerção que teria origem em um determinado ponto do tecido social constituiria uma hipótese bastante frágil.

A partir dessa crítica a uma concepção concentrada e negativa do poder, o autor opta por considerar que o poder está em todos os lugares e em todas as relações. Deleuze (1986) resgata o método que Foucault elaborou para constituir sua concepção de poder. Esse método consiste em questionar certos postulados históricos, reformulando-os. Discorreremos sobre cada um deles a seguir:

O postulado da propriedade afirma que o poder seria propriedade de uma classe. Para Deleuze (1986), a reflexão foucaultiana sustenta que o poder é uma estratégia, seus efeitos são atribuídos a “disposições, a manobras, táticas, técnicas, funcionamentos”; ele se exerce mais do que se possui, não é privilégio adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito do conjunto de suas posições estratégicas.

O postulado da localização diz que o poder seria de Estado. Deleuze (1986) destaca que, o próprio Estado aparece como efeito de conjunto ou resultante de uma multiplicidade de engrenagens e de focos que se situam num nível bem diferente e que constituem por sua conta uma “microfísica do poder”. O funcionalismo de Foucault corresponde a uma topologia

moderna que não assinala mais um lugar privilegiado como fonte de poder e não pode mais acertar a localização pontual. O poder é difuso.

O postulado da subordinação sugere que o poder encarnado no aparelho do Estado estaria subordinado a um modo de produção, tal como uma infra-estrutura. As relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações... a posição delas, não é a de superestrutura... elas possuem, onde agem, um papel diretamente produtor. “O” poder tem como característica a imanência de seu campo, sem unificação transcendente, a continuidade de sua linha, sem centralização global, a continuidade de seus segmentos sem totalização distinta: espaço serial.

O postulado da essência ou do atributo diz que o poder teria uma essência e seria um atributo, que qualificaria os que os possuem (dominantes) distinguindo-os daqueles sobre os quais se exerce (dominados). Para Foucault (Deleuze, 1986) o poder não tem essência, ele é operatório. Não é atributo, mas relação: a relação de poder é o conjunto das relações de força, que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades.

O postulado da modalidade alega que o poder agiria por violência ou por ideologia, ora reprimindo, ora enganando, ou iludindo; ora como polícia, ora como propaganda. Um poder não procede por ideologia, mesmo quando se aplica sobre as almas; ele não opera necessariamente através da violência e da repressão quando se dirige aos corpos. Ou melhor, a violência realmente exprime o efeito de uma força sobre qualquer coisa, objeto ou ser. Mas ela não exprime a relação de poder, isto é, a relação da força com a força, “uma ação sobre uma ação”. O poder “produz realidade”, antes de reprimir. E também produz verdade, antes de ideologizar, antes de abstrair ou mascarar.

E finalmente, o postulado da legalidade. Esse postulado afirma que o poder de Estado exprimir-se-ia na lei, sendo esta concebida ora como esta de paz imposta às forças brutas, ora como o resultado de uma guerra ou de uma luta ganha pelos mais fortes. A lei é, na perspectiva foucaultiana, uma questão de gestão de ilegalismos, permitindo uns, tornando-os possíveis ou inventando-os como privilégio da classe dominante, tolerando outros como compensação às classes dominadas, ou mesmo, fazendo-os servir à classe dominante, finalmente, proibindo, isolando e tomando os outros como objeto, mas também como meio de dominação. Foucault mostra que a lei não é nem um estado de paz nem um resultado de uma guerra ganha: ela é a própria guerra e a estratégia dessa guerra e, ato, exatamente como o poder não é uma propriedade adquirida pela classe dominante, mas um exercício atual de sua estratégia.

Portanto, é a partir da desconstrução desses postulados, elencados por Deleuze (1986) que Foucault baseia seu conceito de poder.

Nessa direção, Foucault (1995) adota um percurso metodológico que consiste em usar as formas de resistência como um ponto de partida para compreender as diferentes formas de poder:

Para usar uma outra metáfora, ela consiste em usar esta resistência como um catalisador químico de modo a esclarecer as relações de poder, localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados. Mais do que analisar o poder do ponto de vista de sua racionalidade interna, ela consiste em analisar as relações de poder através do antagonismo das estratégias. (FOUCAULT, 1995, p.234)

Analisar os antagonismos consiste em pensar, primeiramente, naquilo que se opõe ao objeto estudado, como por exemplo: se quisermos investigar sobre a sanidade, deveríamos começar investigando a insanidade, o que se quer entender sobre legalidade, buscar no campo da ilegalidade, pois, a partir da classificação do que não é, chegamos a uma indicação do que pode vir a ser, do campo de virtualidades no qual essas relações ganham consistência. É partindo dessa metodologia de análise que Foucault vai buscar nas formas de resistência o que são as relações de poder, e as tentativas de dissociar estas relações.

Gilles Deleuze (1986), ao revisitar Foucault, afirma que as relações de poder são relações de força, que não devem estar associados a uma forma-Estado; e não são singulares. A força tem como característica essencial estar em relação com outras forças, de forma que toda força já é relação, ou seja, poder: a força não tem objeto nem sujeito a não ser a força. Como podemos notar, Deleuze (2005) prefere o termo *força* no lugar de *poder*, para ele, esse termo dá conta de uma *potência*.

Assim como Foucault, Deleuze (2005) não indaga o que é, ou de onde vem o poder, mas sim como ele se exerce. Deleuze (2005) afirma que o exercício de poder se mostra como afeto, uma vez que a própria força se define por seu poder de afetar outras forças. O que é pertinente declarar, neste caso, é que essas forças constituem também afetos ativos e geram efeitos úteis, afetos reativos, como por exemplo: incitar, suscitar, produzir. O poder de ser afetado é como uma *matéria* da força, e o poder de afetar é como uma *função* da força. Só que se trata de uma pura função, ou seja, uma função não-formalizada tomada independentemente das formas concretas em que ela se encarna (DELEUZE, 2005). O ato de incitar, induzir, desviar, tornar fácil ou difícil, ampliar ou limitar, tornar menos ou mais provável são variáveis que exprimem relação de forças ou de poder – são ações sobre ações. E é por isso que

Foucault ressalta que o poder não é ruim ou essencialmente repressivo, pois ele produz, suscita.

A questão do saber e do poder está diretamente ligada com a constituição do sujeito, que remete para a subjetivação uma vez que, segundo Foucault, são os múltiplos e diferentes dispositivos, constituídos por práticas discursivas e extradiscursivas, instalados em rede nas sociedades, que produzem através de determinados processos, a modelagem ou constituição dos sujeitos, e das suas subjetividades ancoradas às estratégias de dominação na trama da história (LAVOURA, 2009, p. 5).

Para Foucault, o poder produz saber e, não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder (Foucault, 2010, p.30). O sujeito não é fonte do saber, nem a origem intencional do poder. A constituição do sujeito é efeito das malhas do poder pelas cristalizações e circulações do saber.

Deleuze (2005) também infere questões sobre as relações de forças que constituem o Poder em confronto com as relações de formas que constituem o saber. O saber é estratificado, arquivado, dotado de uma segmentaridade bastante rígida. Entre o saber e o Poder há diferenças de natureza, mas há também pressuposição recíproca, capturas mútuas e há, enfim, primado de um sobre o outro. Enquanto o poder é uma relação de forças, o saber são matérias formadas e funções formalizadas; o poder é não-estratificado, o saber é estratificado; o poder é dotado de segmentaridade bastante flexível, o saber é dotado de segmentaridade relativamente rígida; o poder se estabelece como exercício, o saber como regulamento.

Deleuze (2005) afirma que a diferença de natureza entre poder e saber não impede que haja pressuposição e capturas recíprocas, imanência mútua, como dissemos acima. Para ele, as ciências do homem não são separáveis das relações de poder que as tornam possíveis e que suscitam saberes mais ou menos capazes de atravessar um limiar epistemológico ou de formar um conhecimento (DELEUZE, 2005, p.82). A prática do poder permanece irreduzível a toda prática do saber.

O poder, não, o poder é diagramático, mobiliza matérias e funções não estratificadas, dotado de uma segmentaridade bastante flexível. As relações de poder não são encontradas em apenas um ponto central ou de um foco único de soberania, elas vão a todo o momento de um ponto a outro, no interior de um campo de forças, marcando inflexões, retrocessos, retornos, giros, mudanças de direção, resistências.

Foucault afirma que o surgimento de uma nova formação política, o Estado, se desenvolveu de modo contínuo. O Estado, de forma majoritária, é considerado um tipo de poder que ignora os indivíduos, voltando-se apenas para os interesses da totalidade, ou de apenas uma parte dentre os cidadãos. Ele concorda com essa assertiva, mas declara que nunca na história das sociedades humanas houve uma estrutura política capaz de organizar uma combinação tão astuciosa das técnicas de individualização e dos procedimentos de totalização. Isso só foi possível porque o Estado moderno ocidental integrou técnicas de poder encontradas originalmente nas instituições cristãs, nomeados como poder pastoral.

O poder pastoral assegura ao indivíduo a salvação eterna no outro mundo, de forma individual. A relação pastor-rebanho não se aproxima da relação príncipe-súdito, pois em quanto em um os súditos se sacrificam para salvar seu trono, no outro o pastor se coloca em sacrifício para salvar seu rebanho. Nesta forma de poder cada indivíduo é, em particular, cuidado durante toda sua vida. Esta forma de poder se auxilia no conhecimento dos segredos íntimos de seus fiéis revelados na confissão onde é possível guiar suas consciências.

Foucault (1995) assegura que podemos associar o poder-Estado a uma reformulação mais moderna do poder pastoral. O que antes se colocava como direção do povo à salvação no outro mundo se desloca para o agora. Fazendo um paralelo, temos que salvação significa saúde, bem-estar, segurança, proteção contra acidentes, etc. O Estado assume essa responsabilidade.

Em concomitância, a polícia, empreendimentos privados e a família eram igualmente mobilizados para assumirem essas funções pastorais, também exercidas por estruturas mais complexas como, por exemplo, a medicina. A multiplicação dos objetivos e agentes do poder pastoral enfocava o desenvolvimento do saber sobre o homem: o globalizador e quantitativo, relacionados à população, de um lado, e de outro, o analítico, relacionado ao indivíduo. Toda essa análise atesta que durante séculos o poder do tipo pastoral foi associado a uma instituição religiosa, mas se estendeu bruscamente por todo o corpo social, onde poder político e poder pastoral imiscuíram-se de maneira que ao invés de rivalizarem, constituíram uma tática individualizante que caracterizam uma série de poderes: da família, da medicina, da psiquiatria, da educação e dos empregadores.

Para Deleuze (1986), poder e potência são conceitos que se afastam. Em uma entrevista concedida a Claire Parnet, filmada nos anos 1988-1989³, ele compara poder a potência e especifica que não existem potências ruins. Ruim é o menor grau de potência e esse

³ Entrevista disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=n20pTYFSiP8>

grau é o poder. O que é a maldade? É impedir alguém de fazer o que ele pode, é impedir que este alguém efetue a sua potência. Portanto, não há potência ruim, há poderes maus. E talvez todo poder seja mau por natureza. Deleuze (1988-1989) afirma que confusão entre poder e potência é arrasadora, porque o poder sempre separa as pessoas que lhe estão submissas, separa-as do que elas podem fazer. A confusão entre poder e potência é arrasadora, porque o poder separa sempre as pessoas que estão a eles submissas do que elas podem fazer. O filósofo atesta que os tiranos, os juizes e os padres são pessoas que separam seus sujeitos do que eles podem, que proíbem. A estes últimos, Deleuze (1988-1989) lembra ainda que Nietzsche ao abordar esse tema foi considerado antissemita, pois ele faz uma crítica ao povo judeu, em condições específicas o fato de ter inventado um personagem que não existia antes: o padre. Ainda que já existissem feiticeiros e escribas, nenhum deles é a mesma coisa que padre. Nietzsche faz, em seguida, uma ligação direta dos judeus para os cristãos, ainda que não houvesse a figura do padre, nesta tipologia, tinha o personagem do sacerdote.

Para Deleuze (1988-1989), Nietzsche é o primeiro filósofo a ter inventado, criado o conceito de padre. E, a partir daí, trouxe um problema fundamental que é: qual a diferença entre o poder sacerdotal e poder real? Segundo Nietzsche, o padre se define como aquele que inventou a ideia da dívida infinita, os homens estão sempre em dívida. O padre judeu invoca em virtude de uma Aliança, a ideia de dívida infinita, e os cristãos retomam esta ideia de outra forma, a ideia de dívida infinita ligada ao pecado original. Sobre o poder pastoral, Deleuze infere que os padres não são a mesma coisa que os tiranos, contudo, eles têm em comum o fato de manterem-se no poder através das paixões tristes que eles inspiram aos homens. Deleuze (1992) observa que o homem atual é um homem endividado, e essa afirmação vem com os estudos a respeito de Foucault sobre as sociedades de controle que surgiram em substituição às sociedades disciplinares. Foucault faz uma observação sobre o encaminhamento das mudanças que estão caracterizando as novas sociedades. As sociedades do século XVIII e XIX eram consideradas sociedades disciplinares. As instituições (escola, família, indústria, às vezes o hospital, a prisão- por excelência) são organizações que precedem grandes meios de confinamento. Foucault percebe a crise dos meios de confinamento para uma mudança real às sociedades de controle. As instituições a partir da Segunda Guerra Mundial são formatadas a uma lógica de infinitude. Enquanto que na sociedade disciplinar predominava a ideia de recomeço (da escola para a casa, da casa para o trabalho); na sociedade de controle, a lógica é do inacabado. Somos indivíduos presos a uma dívida eterna em que nunca nada tem fim – indo desde o pecado original às formações escolares/acadêmicas, aperfeiçoamento das atividades laborais.

Levando em consideração as análises de Foucault sobre as sociedades, vemos que primeiramente, as sociedades sob a influência do poder pastoral são sobrepostas pelas sociedades disciplinares e, posteriormente as sociedades de controle, temos em todas elas a característica do homem eternamente endividado. Correlacionamos a isso a lógica do capitalismo que está sempre incentivando o indivíduo a não parar nunca.

Após a identificação dos conceitos de Foucault e Deleuze sobre o referido tema, pode-se concluir que o posicionamento dos autores possui enfoques distintos. Foucault acredita que ao incitar, produzir, se configura o poder como um aspecto positivo. Já Deleuze prefere se referir ao termo potência e nega o aspecto positivo de poder. Para ele, todo poder é mau por natureza.

Trazemos agora uma discussão, muito difundida em diversos meios, mas que, para nós, não se sustenta de acordo com as formulações de Foucault sobre poder. É muito comum e difundido que as grandes mídias produzem uma prática de poder para com seus leitores nos termos de um fluxo unilateral e totalizante, proveniente de uma direção única. Nessa linha de raciocínio, depreenderíamos que os meios de comunicação, em nosso caso o jornal/leitor, exerceriam o fenômeno da manipulação. Nos termos foucaultiano, não é possível entender dessa forma, pois, como dissemos acima, o poder, para o autor, não é centralizado, o poder é relação de forças. Por essa perspectiva, não consideramos que o leitor de um determinado jornal é “manipulado”, pois isso seria considerar uma versão passiva de poder, onde não é atribuído uma *relação de poder*. É preciso pensar que, o conteúdo que é publicado no jornal vai atingir seu público, de tal maneira que não é possível prever ou garantir sua interpretação. Essa relação de força entre o jornalista/enunciador e o locutor, vai depender das outras relações de força que os atravessaram anteriormente, que inclui suas práticas discursivas.

2.2.2 A resistência e as lutas

A iminência do *impeachment* precipitou diversas manifestações acerca do assunto. Essas manifestações podem ser vista pelo ponto de vista das resistências e lutas, de acordo com a perspectiva foucaultiana, pois, o autor inaugura uma nova economia que parte das formas de resistência para pensar as relações de poder. Para ele, não há como pensar o poder sem antes analisar a resistência, que seria primeira em relação ao poder. É primeira não no sentido cronológico, mas sim porque ela é condição para o poder. Pretendemos, a partir desse

viés, analisar as divulgações das notícias sobre as manifestações sobre o impeachment, entendendo que resistir às relações de poder é também produzir subjetividade.

As resistências são como pontos e nós irregulares que se dividem com maior ou menor consistência no tempo e no espaço. São pontos transitórios, móveis, precários e, ao mesmo tempo constantes, ainda assim podem provocar revoluções e rupturas severas. Em Souza (2003) temos a descrição de resistência como o movimento de saída da trincheira, uma metáfora que simboliza o que é e o que não pode ser o sujeito: *“Resistir não é deter-se em si como origem de subjetividade, mas enveredar para outros modos de subjetivação tomando atalhos por onde o discurso que determina a verdade do sujeito não entra”* (SOUZA, 2003, p.47). Resistir é, portanto, produzir subjetividade.

O conceito de resistência em Michel Foucault está diretamente ligado ao de subjetivação, pois resistir também é uma forma de não deixar ser assujeitado, abrir-se a outros modos de subjetivação, na medida em que resistir e subjetivar-se remetem a um modo de produção de sujeito.

Para Authier-Revel (2008), definir resistência como reação ao poder, como o **outro** combativo deste poder, acaba por transformá-lo no duplo invertido do poder. Transgredir uma regra continua sendo confirmar esta regra, e mesmo no caso de conseguirmos suprimi-la ninguém garante que será para imediatamente recriar uma outra, sem dúvida diferente, contudo não menos autoritária. Deslocar as linhas de poder é construir um movimento de contrapoder, o que não muda a natureza do poder. O problema do contrapoder é que ele desloca as linhas do poder, mas não muda sua natureza. Há, ainda, formas de desconstrução das dicotomias advindas nas relações de poder. Elas são chamadas de lutas. As lutas são tentativas de desconstrução das oposições como forma de dissociar as relações de poder, por exemplo, homens sobre as mulheres, dos pais sobre os filhos, do psiquiatra sobre o doente mental, da medicina sobre a população. Essas lutas são antiautoritárias e possuem algo em comum: 1) são transversais, ou seja, não são limitadas a um país; 2) questionam o saber absoluto de algumas instituições, os médicos, por exemplo, que tem o controle de morte e de vida de seus pacientes; 3) São lutas imediatas e anárquicas; 4) são lutas que questionam o estatuto do indivíduo: lutas que garante o direito à diferença, mas por outro lado atacam tudo aquilo que separa o indivíduo em sua relação com os outros; 5) lutas contra o privilégio do saber; 6) lutas contemporâneas que recusam os estado de violência econômico e ideológico, que ignora quem somos individualmente, além de uma recusa de uma investigação científica ou administrativa que determina quem somos (Foucault, 1995).

As lutas são formas de resistência e produção de subjetividade, pois elas se inclinam em defesa da ampla e igualitária possibilidade de subjetivação para todos os atores envolvidos nas relações de poder.

Parece-nos que Deleuze estabelece uma relação direta como forma de debate em relação a muitos conceitos trazidos por Foucault. No tópico anterior fizemos um contraponto dos dois pensadores, e, seguindo essa linha vamos discorrer sobre o que Deleuze apresenta sobre a resistência.

Já para Deleuze (*apud* ALVIM, 2009, p. 8), o problema é saber quais são os “fluxos de uma sociedade, quais são os fluxos capazes de subvertê-la, e qual o lugar do desejo em tudo isso”. O autor inaugura alguns conceitos que estão aparentemente ligados ao ato de resistência, como por exemplo: linha de fuga, dispositivo, desejo e nomadismo.

Os dispositivos de poder surgiriam em toda parte em que se operam reterritorializações, mesmo abstratas. Logo, os dispositivos de poder seriam um componente dos agenciamentos. Mas os agenciamentos também comportariam pontas de desterritorialização. Em suma, não seriam os dispositivos de poder que agenciariam ou que seriam constituintes, mas os agenciamentos de desejo é que disseminariam formações de poder segundo uma de suas dimensões. Isso me permitiriam responder a seguinte questão, necessária para mim, mas não para Michel: como o poder pode ser desejado? Portanto, a primeira diferença seria esta: para mim o poder é uma afecção do desejo (reafirmando-se que jamais o desejo é uma "realidade natural"). (DELEUZE, 1993, p. 3)

As linhas de fuga, outro conceito de Deleuze (1994) são quase a mesma coisa que os movimentos de desterritorialização, elas são as pontas de desterritorialização nos agenciamentos de desejo. As linhas de fuga não são necessariamente rebeldia/revolução, pode, inclusive, ser o inverso, mas são elas que os dispositivos de poder vão colmatar.

Nessa perspectiva, Deleuze confronta Foucault, pois para este os dispositivos de poder são de alguma maneira constituintes, só pode haver contra eles fenômenos de “resistência”, e a questão incide sobre o estatuto desses fenômenos.

As linhas de fuga, os movimentos de desterritorialização, como determinações coletivas históricas, não me parecem ter equivalente em Michel. Para mim, não há o problema de um estatuto dos fenômenos de resistência: já que as linhas de fuga são determinações primeiras, já que o desejo agencia o campo social, são, sobretudo os dispositivos de poder que se acham produzidos por esses agenciamentos, ao mesmo tempo em que esmagam ou os colmatam. (DELEUZE, 1994, p. 6)

A resistência não pode deixar de captar uma potência, que é da ordem da criação e do movimento, pois ela é nômade e molecular. Sua energia não reside propriamente na

contradição, assim como a força de Bartleby⁴, não está em conflito, mas sim na recusa absoluta. (ALVIM, 2009)

Quando os discursos de *impeachment* ganharam força nas grandes mídias foi possível perceber que, simultaneamente, deu-se início a um movimento de resistência travado por um grupo que o classificou como *golpe*. Para nós, o sentido atribuído à palavra *golpe* exprime resistência às forças que dão potência à palavra *impeachment*.

A sociedade brasileira, nos últimos 60 anos, passou por dois momentos em que seus presidentes sofreram *impeachment*. E, nesses momentos o uso da palavra *golpe* foi enunciado. O primeiro momento foi em 1992, quando o então presidente Fernando Collor de Melo sofreu o *impeachment* e, agora, o impedimento da presidente Dilma Rousseff, em 2016. Em 1964, os militares intervieram no poder presidencial. Resgataremos, brevemente, o contexto em que esses enunciados foram produzidos e os sentidos atribuídos a estes.

Em março de 2009, a jornalista Dahiana Araújo publicou um artigo, hospedado no site *Avo*⁵, e que traz a discussão sobre a divergência de como nomear a tomada militar do poder em 1964 por golpe ou revolução. A jornalista elabora sua escrita baseada em testemunhos de pessoas que vivenciaram o acontecimento à época. Ela destaca que, o termo *Revolução* é defendido pelos militares, mas, os torturados e presos políticos que, sofreram são unânimes em afirmar que foi um golpe extremamente violento. As vozes dos irmãos Torres de Melo, militares da época, são exemplos dos discursos que circulavam. Eles afirmam que a estrutura militar estava sendo destruída pelo então presidente e ministros, e a tomada do poder garantiu o restabelecimento da ordem. Vozes de outras testemunhas, chamadas no artigo de opiniões de populares, desse período também foram utilizadas. Aposentados com idade acima de 68 anos discorreram acerca do período militar e o sentimento de perseguição, medo e ausência de liberdade predominam em todos os discursos.

Em 2014, ano que Brasil relembra os 50 anos da intervenção militar, o jornal *El Pais Brasil*⁶ publicou um artigo de opinião onde levanta justamente a questão da denominação da intervenção. Com o título de: “1964: golpe ou revolução? O jornalista afirma que a *revolução* é uma denominação apoiada pelos militares cujos principais objetivos seriam restaurar a ordem pública, controlar a indisciplina nos quartéis e impedir a tomada do poder pelos comunistas. Em contrapartida o jornalista/enunciador acredita que o que houve em 64 foi um autêntico golpe militar, mediante o uso da força para afastar do poder as lideranças civis,

⁴ Personagem de Melville

⁵ http://www.antonioiviana.com.br/2009/site/ver_noticia.php?id=55260

⁶ http://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/26/opinion/1395847968_469405.html

também chamado de “*golpe civil* – quando as forças armadas servem de instrumentos para a tomada de poder por parte de lideranças civis que, na época, não viam solução possível nas vias institucionais existentes, como as urnas”.

Recentemente, o *site* UOL⁷ publicou um artigo em que comparou os discursos difundidos em 1992, no *impeachment* do Collor e o *impeachment* da Dilma Rousseff. No artigo o jornalista afirma que os discursos apresentam perspectivas parecidas, pois, nos dois momentos os governistas defendem que o processo se trata de um *golpe*; todavia, do lado da oposição, o ataque a quem não mais teria mais “condições éticas e morais” de seguir no poder. O jornalista lembra ainda que à época, o PT (Partido dos Trabalhadores) que em 2016 era o partido da então presidente Dilma Rousseff, era o mais ferrenho defensor do impedimento do presidente Collor. Em 2016 o PT foi alvo dos ataques que pediam o impedimento da presidente petista.

Recorremos à história recente do país para mostrar que o acontecimento de 2016 não foi inédito e que eventos passados também geraram enunciados que se repetem, contudo, os contextos e os sentidos atribuídos às palavras *golpe* e *impeachment* são questionáveis de acordo com a conjuntura política da época.

2.2.3 A produção de subjetividades

A pertinência do conceito de subjetividade neste trabalho se concretiza nas relações que vamos estabelecer entre a resistência como forma de produção de subjetividade e produção de subjetividade e práticas discursivas. Se, a prática discursiva (Maingueneau, 2007) rejeita a existência de uma instância enunciativa que se configure previamente à produção de texto, temos então que a atribuição de sentido se manifesta de acordo com os campos de força e com as leituras de textos feitos anteriormente (DEUSDARÁ e ROCHA, 2013). Por essa razão, optamos por fazer a análise do discurso de *impeachment* em duas cidades diferentes e, partiremos dos campos enunciativos de cada cidade para entender os sentidos produzidos, conseqüentemente a produção da subjetividade dos indivíduos.

Iniciaremos agora um estudo sobre a ideia de subjetivação, pois, como dissemos inicialmente, este trabalho está partindo da lógica que se baseia na tríade poder-resistência-

⁷<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/03/23/em-1992-governo-se-defendia-de-golpe-e-pt-via-democracia-em-impeachment.htm>

subjetividade de Michel Foucault. No que tange a subjetividade vamos relacionar os trabalhos de Guattari (1996) com os conceitos do nosso autor-base.

Foucault avançou na questão do poder ao encontrar a dimensão de subjetivação, pois ele projeta novas formas de subjetividade, recusando a individualidade⁸ do sujeito que há séculos nos foi imposta. Conforme citamos acima, o filósofo vai pensar na subjetividade como forma de resistir. A subjetividade, para ele, não consiste no ato individual de atingir o âmago de si mesmo a partir da suposição de uma verdade interior, pois, como dissemos, não existe um eu em sua essência, não há sujeito na sua origem que possa ser extraído de toda a influência externa.

O filósofo conceitua sujeito em duas definições: 1) sujeito a alguém pelo controle e dependência; 2) preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito à (FOUCAULT, 1995 p. 235).

Souza (2003) pontua que Michel Foucault, ao falar sobre a questão do sujeito e dos jogos de verdade que o constituem, divide a questão em 2 etapas: 1) as práticas coercitivas que produzem sujeitos – inclui-se aí o conjunto de trabalho que investiga a psiquiatria e o sistema penitenciário; 2) as práticas ditas de auto-formação do sujeito mediante instrumentos para que cada indivíduo elabore a si mesmo como sujeito.

Podemos falar em sujeito livre, pois se há relações de poder em todo campo social, é porque há liberdade em todo lugar. Mesmo que o sujeito seja aquele que está sendo sujeitado, contudo, para Foucault, os indivíduos possuem um campo de possibilidade para várias condutas e diversos comportamentos. Ainda para o autor, o poder só pode se exercer sobre sujeitos livres⁹ e na medida em que são livres. Se considerarmos que as relações de força estão ligadas ao poder, ele só pode se exercer sobre algo que é livre, pois, se não houvesse possibilidade de resistência e de reação não seria necessário o exercício do poder, uma vez que nada poderia ser diferente do que já é. Se de um lado há a relação de poder e do outra não há resistência, não é viável, portanto, considerar a possibilidade de exercício do poder, pois isso configuraria violência e domínio completo. A relação entre poder e liberdade deve ser compreendida não em termos de exclusão mútua, mas como um par que se provoca a cada instante.

Os jogos de verdade a que Foucault se refere estão ligados a uma prática de autoformação do sujeito que o mesmo a chama de “prática ascética”. E a essa concepção dá-

⁹ Foucault se refere, neste momento, aos sujeitos livres em oposição à violência.

se um sentido muito geral, de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser.

Souza (2003) sugere que o projeto foucaultiano gira em torno de estudos acerca das condições em que se entalha as práticas de liberdade nas quais o sujeito transforma a si mesmo e um processo em que a subjetividade não é só efeito de uma determinação moral, mas um conjunto de diferentes instâncias de enunciação que, no limite do código moral, descrevem um movimento incessante de subjetivação.

Em “Cartografias do desejo”, Guattari (1986) propõe a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida. Ou seja, o sujeito é fabricado, produzido. As máquinas de produção de subjetividade são classificadas como máquinas tradicionais e máquinas capitalísticas. A primeira fala sobre uma subjetividade fabricada por máquinas mais territorializadas, na escala de etnia, de uma corporação profissional, de uma casta. Já na subjetivação capitalística¹⁰ trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social, e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo (GUATTARI, 1996, p.27).

Para Guattari (1996), a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os sujeitos são colocados num formato e durante a sua vida essa posição é frequentemente reafirmada, por exemplo, a mãe precisa restabelecer seu lugar de mãe, a mulher de mulher, etc. Os autores afirmam também que a produção de subjetividade não depende das superestruturas, pois ela é a matéria-prima.

As forças que administram o capitalismo entenderam que a produção de subjetividade é mais importante até que a produção de petróleo, pois os lucros gerados pelo marketing das indústrias de consumo ultrapassam os lucros da produção de petróleo. Essas mudanças ocorrem tanto no ideológico quanto no interno, no coração dos indivíduos. O marketing das indústrias de consumo atinge diretamente o indivíduo e como ele se constitui, fazendo-o acreditar que é preciso estar sempre obtendo algo para que ele esteja em plenitude e feliz.

É interessante pensar na produção de subjetividade com o peso da infraestrutura produtiva, termo adotado por Marx. Os autores dão como exemplo os EUA como potência quando querem expandir sua economia.

¹⁰ Os autores exemplificam que a subjetivação capitalística é tudo o que pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam.

...ela começa, antes de mais nada, a trabalhar os processos de subjetivação. Sem um trabalho de formação prévia das forças produtivas e das forças do consumo, sem um trabalho de todos os meios de semiotização, econômica, comercial, industrial, as realidades sociais locais não poderão ser controladas (GUATTARI, 1986, p. 28)

Para que isso aconteça, e, isso só acontece, quando os mesmos atuarem primeiramente na produção de subjetividade. Digamos então que o objetivo seja implantar uma indústria de cosméticos. Uma maneira de viabilizar essa produção é mostrando que a beleza da mulher depende daquele produto. As mídias contribuem de maneira ostensiva para isso. Essa forma se atinge não só pela linguagem, mas também pela semiótica.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O objetivo desse capítulo é explicitar todo o caminho que percorremos ao propor as análises que apresentamos. Iniciaremos, portanto, explicitando o acontecimento na história da sociedade brasileira que despertou nosso interesse em falar dos recentes eventos que classificamos como os discursos de impeachment.

Em junho de 2013, participei de algumas das manifestações no país que, a princípio, solicitavam o cancelamento dos reajustes das passagens de ônibus, trens e metrô. Não demorou muito para as demandas se estenderem às questões de gênero, os problemas de má administração dos governantes e mais umas dezenas reivindicações. A magnitude do evento me fez estar mais atenta às questões que eclodiam no Brasil cada vez mais em proporções maiores. Durante dois meses as manifestações permaneceram bem numerosas.

O ano de 2014 também foi permeado de manifestações – dos professores, contra a Copa do Mundo; mas foram as manifestações de 2015 que suscitaram a ideia de fazer um estudo aprofundado sobre o que estava sendo dito naquele momento. O que me mais chamou atenção nas manifestações de 2015 foram as características das manifestações e como essas estavam sendo organizadas. Os protestos ocorriam em dois dias diferentes, na mesma semana. Enquanto que, em um dia as pessoas trajavam roupas com as cores da bandeira do Brasil e se manifestavam contra o governo da presidente Dilma, no outro dia, pessoas trajavam roupas com a cor vermelha, em alusão a bandeira do PT, partido da então presidente Dilma. É claro que esse detalhe da vestimenta não era uma regra, nem dá para generalizar e dizer que todos os manifestantes dos respectivos atos estavam obrigatoriamente vestidos como dessa forma.

Meu objetivo inicial era identificar os discursos que estavam sendo produzidos por esses diferentes grupos que, pelo senso comum, foram nomeados de coxinhas *versus* petralha. Minha hipótese era a de que as grandes mídias davam mais visibilidade às manifestações daqueles que eram contrários ao governo, enquanto que a divulgação das manifestações daqueles que eram a favor do governo ficavam sujeitos a uma mínima divulgação, contando apenas com as mídias alternativas para uma cobertura mais completa.

Já no final de 2015, os discursos sobre o *impeachment* eram cada vez mais presentes e, percebendo a improdutividade que seria a discussão do debate entre “coxinhas” *versus* “petralha”, optamos por observar a produção de sentido do discurso de impeachment em duas cidades do Brasil.

O ponto alto que possibilitou a delimitação do *corpus* foi a maneira que a votação para admissibilidade do processo de *impeachment* foi conduzida no Congresso da Câmara dos Deputados. O horário de funcionamento da Câmara é de segunda a sexta, das 8h às 19h. As reuniões que antecederam a votação ocorreram durante todo o final de semana, com a cobertura cuidadosa das grandes mídias, transmissão em tempo integral pela TV CÂMARA.

A votação se deu em um momento de espetáculo, em pleno domingo, no horário dito nobre, com transmissão em tempo real pela maioria das emissoras dos canais aberto, em especial destacamos a TV Globo, que abriu mão de sua programação para transmitir ao vivo os votos um a um de todos os deputados presentes. O fato de a sessão ter acontecido em um domingo e a transmissão ter se realizado em cadeia nacional indicam o destaque conferido à sessão e sua repercussão social ter sido imediata.

O *corpus* foi delimitado a partir das estatísticas divulgadas após a votação. Se nosso objetivo era perceber os discursos do *impeachment* por uma perspectiva de embate, selecionamos, então, as capitais dos dois estados cujos deputados federais manifestaram-se com o maior percentual de votos contrários (Bahia) e favoráveis (São Paulo) à admissibilidade do processo de *impeachment*. De acordo com o site G1¹¹, em números absolutos, os deputados de São Paulo foram os que mais votaram pelo *impeachment*, com 53 votos a favor e 13 contra. Os deputados que mais votaram contra a admissibilidade do processo de *impeachment* foram os baianos, com 22 contra e 15 a favor. Desse modo, consideramos relevante fazer um levantamento das notícias que foram divulgadas veículos, para compreender se essas diferenças nos resultados da votação se estendem nos discursos dos jornais destas cidades.

O próximo passo foi escolher pelo jornal digital de maior representatividade em cada um desses dois estados. Para isso, buscamos essa informação no *site* da Associação Nacional de Jornal que anualmente divulga o balanço dos jornais mais vendidos digital e impresso de todo o país. Foi a partir daí que selecionamos os jornais Folha de São Paulo e Correio 24 horas.

Optamos por delimitar também os dias em que filtraríamos as notícias sobre o *impeachment*. Seguindo pela mesma lógica, que foi a espetacularização do dia da votação, determinamos, então, que o tempo compreenderia do primeiro dia de reunião que antecedeu a votação – dia 15 de abril; até o dia após a votação – 18 de abril. Selecionamos todas as notícias que os respectivos jornais divulgaram sobre o assunto *impeachment* e separamos em

¹¹<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/04/veja-estados-e-partidos-que-mais-votaram-pelo-impeachment-na-camara.html>

grupos de subtemas. Na Folha de São Paulo chegamos a um total de 20 notícias; no Correio 24 horas, um total de 19 notícias.

Como dissemos, alocamos cada notícia em um grupo de subtemas que abarcavam, por exemplo, notícias sobre deputados, sobre a presidente, o comportamento das celebridades em relação ao assunto e às notícias que traziam as manifestações locais acerca do impeachment. Optamos por elencar as notícias em subtemas para que pudéssemos nos focar na temática principal desse trabalho: as manifestações. Os outros grupos de subtemas se referem aos deputados e/ou suas organizações e as instituições de forma coletiva. Nosso interesse se inclinou em estudar as manifestações de pessoas na rua, enquanto um espaço público e democrático.

Quadro 1 – As notícias sobre o impeachment no período de 15 a 18 de abril de 2016 – Jornal Folha de São Paulo

Manifestação	Câmara/grupos (coletivo)	Deputado/pessoas (singular)	Outros
Ato contra impeachment termina em confusão no metrô de SP; veja vídeo	Maioria do STF nega adiar sessão e alterar votação do impeachment	Picciani orienta pelo impeachment, mesmo sendo contra saída de Dilma	Colapso da confiança popular criou política do impeachment
Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília	Câmara tem votos suficientes para aceitar impeachment de Dilma	Após defecções na frente pró-impeachment, Temer decide voltar a Brasília	Impeachment salvou São Paulo de ser goleado na TV, dizem internautas; veja memes
	Governo faz última ofensiva para tentar barrar impeachment	Temer tira apoios de Dilma e consegue votos pró-impeachment	Silvio Santos não transmite votação do impeachment e fica em 2º na audiência
	Movimento 'nem Dilma nem Cunha' tenta esvaziar placar pró-impeachment	Dilma e Lula se decepcionam com votos pró-impeachment	Vexames do dia do impeachment sugerem reformas já
	Grupo 'Nem Dilma nem Cunha' busca discurso que tira votos pró-impeachment	Dilma fará pronunciamento sobre aprovação do impeachment na câmara	Reações dos famosos após votação têm dança do impeachment e preocupação com novo governo
	Câmara da aval a impeachment de Dilma senado decidira afastamento	Alvo de impeachment Collor afirma desconforto com processo de Dilma	

Fonte: A autora, 2017

Quadro 2 – As notícias sobre o *impeachment* no período de 15 a 18 de abril de 2016 – Jornal Correio24h

Manifestação	Câmara/grupos (coletivo)	Deputado/pessoas (singular)	Outros
Contra impeachment, rodoviários de Salvador fazem paralisação na manhã desta sexta	Ministros e parlamentares contrários ao impeachment apostam no corpo a corpo	Dilma faz pronunciamento em rede nacional sobre processo de impeachment	Votação do impeachment é adiada e deve começar às 17h; veja ao vivo
Manifestação contra impeachment provoca 5km de engarrafamento na BR-324	Deputados aprovam abertura de impeachment da presidente Dilma	Cunha volta a afirmar que não haverá adiamento da votação de amanhã	Veja quais são os próximos passos do Impeachment; Dilma será afastada se senadores abrirem processo
Bancários fazem paralisação parcial e participam de ato a favor da democracia em Salvador	Na Câmara, 18 partidos vão orientar voto pelo impeachment da presidente Dilma	Dilma Rousseff deve se pronunciar às 17h desta segunda-feira (18) no Palácio do Planalto	Fãs aproveitam clima de impeachment para pedir saída de novo vocalista do AC/DC
Integrantes do MST fecham parte da BR-324 em marcha rumo ao Farol da Barra	Mais de 300 deputados de 20 estados já votaram a favor do impeachment; assista	"A presidente não se abaterá e nem deixará de lutar", diz Cardozo	Votação do impeachment é adiada e deve começar às 17h; veja ao vivo
Manifestantes contra e a favor do impeachment se reúnem na Barra e no Jardim de Alah		Criticado durante votação, Eduardo Cunha diz que agiu com isenção: 'Não estou feliz'	
Artistas baianos participam de manifestação pró-governo no Farol da Barra		Dilma faz pronunciamento em rede nacional sobre processo de impeachment	

Fonte: A autora, 2017

Decidimos pelas notícias que difundiam sobre as manifestações, pois apostamos que dentro dessa temática, encontraríamos o embate necessário que sustentará nossa hipótese de que os valores atribuídos aos discursos de cada cidade vão entrar em consonância com os textos anteriormente produzidos nos respectivos espaços discursivos.

Chegamos então ao final de todo o passo a passo da delimitação do *corpus* do presente trabalho. Partindo de uma análise filosófica foucaultiana sobre poder, pretendemos entender as relações de poder que permeiam os discursos das mídias, passando pelos discursos de *impeachment* interrogando as formas de resistência e a produção de subjetividade. Como método de análise, faremos uso dos conceitos de Maingueneau (2007) sobre práticas discursivas, interdiscursividade, semântica global, além dos recursos linguísticos como o discurso relatado, as aspas e as designações.

Nosso trabalho tem como principal objetivo analisar os discursos sobre o impeachment veiculados em determinados jornais digitais. Para tanto, faz-se necessário uma discussão que abrange a questão dos gêneros discursivos e, no nosso caso, uma análise mais específica sobre o gênero jornalístico. Para iniciar nossa discussão sobre gêneros, faremos uso dos estudos de Mikhail Bakhtin.

Nosso material de análise é composto por notícias de jornais digitais. Buscaremos entender porque a especificação dos gêneros discursivos facilitará nossa compreensão acerca dos enunciados produzidos em determinados gêneros.

3.1. Os gêneros do discurso

Bakhtin (2010) pensa a questão dos gêneros partindo do campo da linguagem. Para ele, todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem (Bakhtin, 2010, p.261). Ainda de acordo com Bakhtin, o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (Bakhtin, 2010, p. 261).

O conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são elementos que estão atrelados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Dentro do campo de comunicação encontramos utilizações relativamente estáveis de enunciados, os quais são denominados por Bakhtin *gêneros do discurso*. Os gêneros do discurso são inúmeros se considerarmos as inesgotáveis possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Bakhtin classifica os gêneros do discurso de duas formas – gêneros primários e secundários. Os gêneros primários são considerados de natureza simples que são formadas em condições de comunicação discursiva imediata. Os gêneros secundários surgem em condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado,

como por exemplo, romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, palestras, pronunciamentos em plebiscitos, entrevista, etc.

Para Bakhtin, existe uma diferença muito grande entre os dois tipos de gêneros. Essa diferença é essencial e, por isso, o enunciado deve ser analisado para que sejam descobertas suas modalidades. A importância da descoberta da natureza dos enunciados é primordial para a maioria dos estudos no campo da linguística e da filologia, pois todo trabalho de investigação de um material linguístico concretos (escritos e orais) relacionados a diferentes campos da atividade humana e da comunicação – anais, tratados, textos de leis, documentos de escritório e outros, diversos gêneros literários, científicos, publicísticos, cartas oficiais e comuns replicas de diálogo cotidiano (em todas as suas diversas modalidades), etc. de onde os pesquisadores absorvem os fatos linguísticos de que necessitam.

Após caracterizar a questão dos gêneros segundo as implicações de Bakhtin, julgamos que o *corpus* do nosso trabalho pertence à atmosfera dos gêneros discursivos secundários, pois as notícias de jornais são de natureza complexa e profunda. Portanto, partiremos da noção de gêneros secundários para especificar o nosso gênero alvo- o jornalístico.

Benetti (2008) afirma que o jornalismo é, entre outras definições possíveis, um discurso que, só se constitui na moldura de um gênero particular, o que acarreta problemas conceituais que devem ser enfrentados. A autora explica que o principal desses problemas está relacionado à clareza sobre a inscrição epistemológica do autor quando discute gêneros. Em nota de rodapé, Benetti (2008) garante que sem clareza sobre o referencial do autor é praticamente impossível fazer esse debate, tantas as possibilidades de abordagem dos gêneros.

Partindo dos estudos de Patrick Charaudeau, Benetti (2008) apresenta a proposta de analisar, à luz da Análise do Discurso, o jornalismo como gênero discursivo. Para nós, essa problematização nos ajuda a entender o funcionamento do nosso *corpus*, pois, utilizaremos o gênero jornalístico, especificamente as notícias sobre manifestações – sobre o eixo temático *impeachment*), publicadas nos dias 15, 16, 17 e 18 de março, datas que ocorreram as plenárias para a admissibilidade do processo de impeachment na Câmara dos Deputados.

Benetti (2008) apresenta dois pontos de vista que repercutem sobre a questão na discussão sobre jornalismo: o jornalismo funcional – gêneros informativos e opinativos; o jornalismo textual – quando emoldura os gêneros, subgêneros ou formatos de notícia, reportagem, entrevista, crítica e editorial, entre outros textos possíveis. De acordo com a nossa proposta de *corpus*, utilizaremos a perspectiva do jornalismo textual, pois analisaremos formatos de notícia.

Para Charaudeau (2004) as características dos discursos dependem essencialmente de suas condições de produção situacionais nas quais são definidas as coerções que determinam as características da organização discursiva e formal; os gêneros de discurso são “gêneros situacionais” (CHARAUDEAU, 2004, p. 251).

Para Maingueneau (*apud* Benetti, 2008, p.16) pode-se avaliar uma sociedade pelos discursos que produz, pois o que emerge na materialidade do texto origina-se de sujeitos posicionados em um tempo e um lugar condicionados social e historicamente.

Essa definição de Maingueneau nos ajuda a entender a delimitação do espaço discursivo em que se realiza o discurso do *corpus* que selecionamos. Para buscar os efeitos que produzem as notícias sobre o *impeachment* é preciso entender os atores que estão envolvidos na cena enunciativa, o espaço onde esse discurso é produzido e em que tempo se realiza. Delimitamos dois espaços diferentes em que se reproduziram as notícias: Bahia e São Paulo - as quais o motivo da escolha declaramos na justificação do corpus. Classificamos como atores discursivos os leitores dos respectivos jornais e os jornalistas responsáveis pelo texto, entretanto, não podemos deixar de considerar que, a vinculação corporativa da empresa, pelo qual ele responde, também faz parte dos atores enunciativos. Nossa hipótese, baseada na perspectiva de Maingueneau, é de que os sentidos produzidos em cada cidade serão diferentes, pois a condição de produção de sentido em cada cidade será diferente, se considerarmos as características sociais onde o discurso é produzido.

Benetti (2008) afirma que o jornalismo como discurso só existe entre sujeitos, no entanto, essa relação é paradoxal, porque na AD o sujeito não é o centro do poder, ele tem um poder de enunciação relativo, pois está submetido a regras que lhe são exteriores e anteriores – e sobre as quais geralmente não tem domínio. “O dizer se dá por meio do sujeito, mas não tem origem nele, propriamente” (BENETTI, 2008 p.17).

Assim como no jornalismo, “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMAN, 2008, p.35)

Para Cornu (*apud* Benetti, 2008, p.19) o jornalista tem de reconstruir a realidade para a compreender [...] Existem [...] fundamentalmente várias reconstruções possíveis da realidade, cuja legitimidade está suspensa ao respeito pela verdade de fato, Para existir, o fato precisa da interpretação, mas a interpretação não pode, por seu lado, dispensar os fatos.

Benetti (2008) lembra ainda que todo discurso é norteado pelo que se imagina sobre o outro. Na AD, a condição para que haja o discurso é a reversibilidade – quando é possível a troca de papéis entre quem enuncia e quem interpreta. Essa noção nos remete às práticas

discursivas formuladas por Maingueneau (1997) que afirma que a compreensão dos discursos só é possível se os enunciadores participarem, no momento da enunciação, do mesmo universo discursivo.

3.2 O Discurso Relatado nas notícias de Jornais

Neste item, vamos discutir a noção de discurso relatado, porque entendemos que esse recurso é amplamente utilizado nesse gênero. Vamos nos basear nos estudos apontados por Sant'Anna (2003) que resgata em Bakhtin e seu círculo (1992) a concepção dialógica da linguagem para se referir à noção de discurso relatado, o conceito em questão. Sant'Anna (2003) constata que a AD francesa, ao desenvolver aplicações da proposta bakhtiniana, vem constituindo aproximações ao fenômeno da heterogeneidade discursiva. E, em seus estudos, vai propor uma atualização da heterogeneidade discursiva a partir da noção de discurso relatado.

Como dissemos acima, Sant'Anna (2003) projeta um estudo dos discursos relatados como estratégia organizadora da notícia. Nosso trabalho, nesse aspecto, se aproxima do trabalho da autora. Nossa proposta de analisar os discursos relatados das notícias, que compõem nosso *corpus*, pretende observar a implicação do enunciador/jornalista, no que tange a característica da escrita jornalística que se depara no ato de informar/opinar.

Atribuir o citado a alguém – incluindo-se aqui a s múltiplas formas de designação ou de apagamento, capazes de identificar mais ou menos precisamente o autor -, e oferecer marcas de representação fiel dessa retomada das palavras do outro, remetem a questão da verdade e da autoridade. (SANT'ANNA, 2003, p. 173).

É principalmente esta nuance que o estudo do discurso relatado pretende revelar: o apagamento das vozes e as vozes trazidas como autoridade e verdade. Sant'Anna (2003) afirma que o discurso relatado traz uma condição de verdade ao que está sendo noticiado, pois, quando esse recurso é utilizado o enunciador/jornalista se afasta da tensão entre a confiança e a desconfiança naquilo que a imprensa divulga e o neutraliza quando a voz autorizada e verdadeira é citada/mencionada na notícia.

Para nós, também é interessante observar a combinação de marcas de pontuação, uso de aspas, verbos *dicendi* e formas de discurso direto, indireto e discurso segundo, assim como

Sant'Anna (2003). Ao analisar seu *corpus* a autora faz uma descrição que tipifica os discursos relatados no jornal, os quais utilizaremos na nossa análise:

I. Entrevista

Para Sant'Anna (2003) a entrevista é a forma mais evidente do efeito de restituição exata das palavras atribuídas ao outro, garantindo a fonte como verdadeira e crível. Sua estrutura pergunta-resposta deixa nítida a separação das vozes.

II. Discurso Direto (DD)

Para Sant'Anna (2003) o DD possui duas formas predominantes: a) no DD dá-se integralmente a palavra ao outro, uma pessoa específica. São utilizados recursos tipográficos, tais como aspas e dois pontos, além de um verbo *dicendi*; b) Ilhas de Discurso Direto: quando o enunciador incorpora fragmentos do discurso do outro com a utilização de aspas ou itálico, que delimitam as fronteiras de uma citação.

III. Discurso Segundo (DS)

Em seus estudos, Sant'Anna (2003) observa uma modalidade entre o DD e o DI – discurso segundo. Essa modalização corresponde a utilização da expressão “**Segundo A**”.

IV. Discurso Indireto (DI)

Sant'Anna (2003) definiu como fronteira de identificação a existência obrigatória da estrutura **verbo *dicendi* + que (se, como)**.

V. Intertexto

Segundo Sant'Anna (2003). Esse recurso pode estar apresentado como parte de um conjunto de informações dadas pelo enunciador-jornalista, não lhe sendo atribuído nenhum verbo de ação, ou, ao contrário, cabendo-lhe uma ação que desencadeia reações.

VI. Discurso Narrativizado (DN)

Segundo Sant'Anna (2003), essa é a forma mais apagada da atribuição do discurso a outro e, ao confundir-se com a ideia de “informar objetivamente”, corresponde a uma forma narrativizada máxima de um possível discurso indireto.

Vamos nos basear a partir dos desdobramentos de Sant'Anna (2003) sobre o discurso relatado para compor nossas análises. Pois, entendemos que a partir desses aprofundamentos sobre o discurso relatado podemos observar a constituição do gênero notícia.

3.3. Os verbos *dicendi* no texto jornalístico

Os verbos *dicendi* são elementos que contribuem para a análise de diversos aspectos. Como podemos perceber, Sant’anna (2003) faz o uso recorrente desses verbos para corroboração de sua análise, no que tange os aspectos do discurso relatado. Nesse momento, faremos uma explanação das características, em que vamos nos basear, para analisar os verbos *dicendi* das notícias analisadas.

Os verbos *dicendi* possuem a função de indicar que uma fala está sendo introduzida. Viegas (2008) organiza as funções dos verbos *dicendi* em seis grupos: transitiva, metalinguística, argumentativa, caracterizadora e expressiva. A seguir, explicitaremos as respectivas características dos grupos elencados por Viegas (2008), pois esses conceitos também compõem nossas análises. Como dissemos acima, a autora contabiliza seis funções dos verbos *dicendi*, a primeira: *transitiva*, essa função permeia os demais. Os verbos *dicendi* são considerados, pela tradição gramatical, intransitivos, mas o fato de esses verbos estarem discursivamente relacionados ao verbo “dizer” está implícito em todos os verbos *dicendi*; a segunda: *metalinguística*, quando o narrador, ao reportar as falas, centraliza a sua atenção no próprio texto, tentando caracterizá-lo ou descrevê-lo; a terceira: *argumentativa*, essa função está relacionada à interpretação (bastante subjetiva) que o narrador faz sobre o dito e o que deseja imprimir, no texto final, como verdadeiro. O escritor, ao selecionar os verbos *dicendi* e, antes ainda, ao elaborar (ou reproduzir) as falas das personagens, poderá argumentar contra ou a favor; a quarta: *caracterizadora*, essa função é mais facilmente observável quando tomamos o conjunto de verbos *dicendi* utilizados para uma personagem, considerando-a como “ser individual” ou “coletivo”; a quinta: *coesiva*, essa função apresenta-se como a principal responsável pela estruturação do texto reportado. Alguns verbos *dicendi* dão progressão ao discurso, ao passo que outros o encerram; e, finalmente, o sexto: *expressiva*, essa função não diz respeito apenas ao plano conotativo da linguagem, mas à capacidade de o escritor selecionar e combinar elementos fonéticos, sintáticos, morfológicos, tecendo associações mentais que caracterizem a criatividade e o “fazer estético” no uso da linguagem.

Consideraremos na nossa análise as funções metalinguística, caracterizadora, coesiva, expressiva e argumentativa. Assim como Viegas (2008), não vamos elencar a função transitiva, pois também consideramos que por permear todas as outras funções seria repetitivo elencar todos os verbos como transitivo além da outra função.

4 ANÁLISE

Neste capítulo, apresentamos a análise do material, com o propósito de esclarecer todo o debate levantado neste trabalho. Para a análise do material, selecionamos 8 notícias que julgamos de relevância no que tange aos aspectos linguísticos que pretendemos analisar, a saber, as marcas de discurso relatado, na perspectiva apresentada por Sant’Anna (2003), os verbos *dicendi* – especialmente aqueles utilizados nos discursos indiretos e as aspas como recurso para destacar palavras.

Nos quadros 1 e 2 elencamos todas as notícias que obtivemos sobre o assunto *Impeachment* nos dias da votação na Câmara dos Deputados. E, como se pode notar, as notícias foram alocadas em grupos que julgamos fazer parte de uma temática acerca do impedimento (ver quadros 1 e 2). Todas as notícias analisadas se encontram em anexo. Faremos então uma análise de cada notícia que consideramos fazer parte de um grupo que a temática é sobre manifestação. Discorreremos, inicialmente, sobre as notícias do jornal Folha de S. Paulo. Em seguida, as notícias do jornal Correio 24h. E, por fim, tentaremos fazer um contraponto indicando os embates que podem, porventura, surgir que, afinal, é a proposta desse trabalho.

Gostaríamos de começar, antes mesmo de partir para análise de cada uma das duas notícias do jornal Folha de S. Paulo, destacando os títulos das notícias que instauram a ideia de que os atos – aqui estamos tratando de manifestações – são situações de confusão e atrito. Nos títulos “Ato contra impeachment termina em confusão no metrô de SP” e “Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília” podemos identificar o sentido negativo atribuído às manifestações, pois, se um ato perturba a ordem civil será, conseqüentemente, considerado inconveniente. Após a análise dessas duas notícias do Jornal Folha de São Paulo, passaremos para as análises das próximas seis notícias do Jornal Correio 24 horas, totalizando assim as 8 notícias destacadas para a análise. A terceira notícia então é intitulada de “Contra impeachment, rodoviários de Salvador fazem paralisação na manhã desta sexta”; a quarta notícia “Manifestação contra impeachment provoca 5 km de engarrafamento na BR-324”; a quinta notícia “Bancários fazem paralisação parcial e participam de ato a favor da democracia em Salvador”; a sexta notícia “Integrantes do MST fecham parte da BR-324 em marcha rumo ao Farol da Barra”; a sétima notícia “Manifestantes contra e a favor do impeachment se reúnem na Barra e no Jardim de Alah”; e, finalmente a oitava notícia “Artistas baianos participam de manifestação pró-governo no Farol da Barra”.

Notícia 1: Ato contra impeachment termina em confusão no metrô de SP; veja vídeo –
(Jornal Folha de São Paulo).

A primeira notícia que extraímos do jornal Folha de São Paulo foi publicada no dia 16 de abril de 2016 e foi intitulada “Ato contra impeachment termina em confusão no metrô de SP”. A notícia constituída por 10 pequenos parágrafos é iniciada com a informação de que um ato de grupos de manifestantes contra o impeachment acabou em confusão com seguranças do metrô.

As informações que seguem são descrições dos fatos ocorridos encadeados em ordem sequencial da notícia. Cerca de 2 mil pessoas haviam participado do que está sendo chamado na notícia de blocos carnavalescos contra o impeachment.

A confusão foi iniciada quando o grupo (que não é identificado) tentou pular as catracas da estação República, no centro da cidade. Os seguranças reagiram usando cassetetes e houve agressões de ambos os lados. Em seguida, os ânimos se acalmaram.

Após a descrição da confusão ocorrida no metrô, o enunciador-jornalista classifica o ato como desfile carnavalesco e afirma ter sido apelidado de “arrastão dos blocos”.

O enunciador jornalista afirma que o desfile começou na Praça do Patriarca e acabou na Avenida São João. Marchinhas foram entoadas e faziam referências ao *impeachment*. O clima era pacífico e teve a presença de muitas crianças e bandeiras.

Propomo-nos, agora, fazer uma análise das vozes que ocorrem nesta notícia. Para tal, utilizaremos as categorias de discurso relatado organizados por Sant’Anna (2003).

Quadro 3 - Ocorrência de discurso relatado na notícia 1 – JFS

Notícia 1	
Título: <i>Ato contra impeachment termina em confusão no metrô de SP; veja vídeo</i>	
Discurso Direto	O desfile deste sábado foi apelidado de "Arrastão dos Blocos" (Ilha de DD)
	As marchinhas faziam referência ao impeachment, chamando o processo de "golpe contra a democracia". (Ilha de DD)
Discurso Narrativizado	O processo de impedimento da petista será votado neste domingo (17) na Câmara
	No fim da tarde, cerca de 2.000 pessoas haviam participado de um desfile de blocos carnavalescos contra o impeachment.

	A confusão começou quando o grupo tentou pular as catracas da estação República, no centro da cidade, para seguir em direção ao largo da Batata, em Pinheiros (zona oeste).
	Usando cassetetes, os seguranças impediram os manifestantes de entrar na estação. Depois, um grupo conseguiu ultrapassar a barreira
	Houve agressões dos ambos os lados.
	O desfile começou na praça do Patriarca e passou por outros pontos do centro, como largo do Paissandu, avenidas Ipiranga e São João
	Com muitas criança e bandeiras, o clima era pacífico.

Fonte: A autora, 2017

A notícia é composta majoritariamente por discursos narrativizados. Como propõe Sant’Anna (2003), o DN compõe o conjunto de estratégias do DR e pertence ao grupo de marcas linguísticas que identifica o enunciador-jornalista, isto é, torna-se um elemento fundamental para desfazer a ilusão da objetividade. E, como é possível perceber, de acordo com o quadro, esta notícia estabelece poucas relações com o discurso do outro, apenas duas ocorrências do que estamos tratando aqui de “ilha de DD”. A predominância do discurso narrativizado, nos faz concluir que o enunciador-jornalista esta atribuindo a si a responsabilidade do que está sendo dito.

Quadro 4 - Ocorrência de aspas na notícia 1 – JFS

Notícia 1
Título: <i>Ato contra impeachment termina em confusão no metrô de SP; veja vídeo</i>
Aspas
"Arrastão dos Blocos"
"golpe contra a democracia".

Fonte: A autora, 2017

A forte presença do discurso narrativizado produz um efeito de texto meramente descritivo, contudo destacamos dois termos localizados no texto entre aspas. As aspas, segundo Maingueneau (1997), além de trazer o deslocamento da voz direta de outrem, pode significar “sintagmas atribuídos a um outro espaço enunciativo e cuja responsabilidade o locutor não quer assumir” (Maingueneau, 1997, p.90). Dessa forma, o locutor questiona o caráter totalmente apropriado da palavra.

Quadro 5 - Ocorrência de verbos *dicendi*

Notícia 1	
Título: <i>Ato contra impeachment termina em confusão no metrô de SP; veja vídeo</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Metalinguística	Não há ocorrência
Caracterizadora	Foi apelidado
Argumentativa	Não há ocorrência
Expressiva	Não há ocorrência

Fonte: A autora, 2017

Notícia 2: Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília (Jornal Folha de S. Paulo).

A segunda notícia destacada do jornal Folha de S. Paulo faz referência a acontecimentos em Brasília. Com o título de “Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília” a notícia possui 31 parágrafos e elenca alguns bares que fizeram a transmissão ao vivo da votação na Câmara dos Deputados, no domingo, dia 17/04/2016, para a admissibilidade do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff. O título da notícia já sugere o que vai ser apresentado. As jornalistas listam alguns bares de determinadas regiões de Brasília e mostra que houveram conflitos gerados por divergências de posicionamentos – dos que são contra e a favor da continuidade do processo de impeachment. A notícia é dividida em 3 partes: na primeira, são mencionados os bares onde a maioria dos clientes presentes são a favor do processo; na segunda parte, o título “Contra a Saída” garante a sequência da leitura que menciona bares alternativos onde se concentram as pessoas que, majoritariamente, não são a favor do processo; já na terceira parte da notícia são mencionada as pessoas que não são nem contra, nem a favor. A essa parte as jornalistas intitularam de “Não é Copa do Mundo”

A notícia destaca o impeachment como fonte geradora de reações. O título da notícia “Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília” já nos sugere um deslocamento da cena do bar que é reafirmada em um dos subtítulos da notícia: "NÃO É COPA DO MUNDO". Não se espera que o bar, lugar comumente frequentado para falar de assuntos despretensiosos, seja um ambiente para assistir à votação da admissibilidade do impeachment como se fosse uma “copa do mundo”, ou seja, que grupos se reúnam como torcidas, fazendo coros e gritos de seus “times”.

Organizar a cena enunciativa nos ajuda a entender outro enfoque dado na notícia. As coordenadas de espaço também requerem uma atenção especial, uma vez que os locais estão delimitados de acordo com os grupos. A matéria foi ordenada sistematicamente em três temas – o público a favor do impeachment, o público contrário ao impeachment e pessoas que não veem vantagem independente do que aconteça. A narrativa jornalística destaca os tipos de bares e os clientes que os frequentam, essa diferença é evidenciada em termos como: pequeno bar alternativo na Asa Norte versus Bierfass, bar no Lago Sul. No bar pequeno e alternativo encontram-se as pessoas que são contra o processo de impeachment. O uso da palavra “alternativo” sugere um espaço não convencional, que entra em oposição com a palavra tradicional. Bares alternativos são frequentados por pessoas alternativas, que fogem do padrão, do esperado. Pessoas da cena alternativa são popularmente tachadas de esquerdistas. Por outro lado, temos os bares da região Sul – o Libanus e o Bierfass. A ausência de termos classificadores ao mencionar esses bares nos indica um embate que tende frisar apenas o tipo de bar frequentando por aqueles que são contra a saída - os bares “alternativos”.

Como dissemos acima, o texto se organiza em 3 principais temas. Após o esclarecimento de como ocorre o deslocamento da cena do bar, vamos explorar essas divisões temáticas visando à análise dos discursos relatados. Os aspectos linguísticos serão analisados separadamente, pelas partes dos textos.

Quadro 6 - Ocorrência de discursos relatados na notícia 2 JFS – 1ª parte

Notícia 2	
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>	
Discurso Direto	"Olha a contagem regressiva", anunciava o garçom do bar Libanus
	"Vai dar impeachment, mas até que esse resultado saia, ficamos apreensivos", disse o aposentado André Fortes
	"Amanhã tinha que ser ponto facultativo", disse a empresária Renata Faria,
	A cada voto a favor do impedimento, o grupo gritava "fora, corruptos!" (ilha de DD)
	Já votos contrários, recebiam a alcunha de "vendido!". (ilha de DD)
	"Peguei outro traíra aí", dizia um cliente,
	"Rouba mas faz! Meu prefeito!", disse outro, aos risos. "Tchau, Dilma!"
	Com o avanço da votação, o advogado Fabrício Rubiale, 41, comemorou: "Está maravilhoso". "Particpei do movimento estudantil. Pude conhecer de perto o PCdoB e o PT. Cheguei a acreditar nesses partidos. Rapidamente percebi que era muito discurso e pouca prática", disse ele, que veio de Vitória (ES) para acompanhar a manifestação.
	A confusão começou quando o grupo tentou pular as catracas da estação República, no centro da cidade, para seguir em direção ao largo da Batata, em Pinheiros (zona oeste).
	"Vai ter impeachment", disse o grupo, que ouviu em resposta: "Não vai ter golpe."
	"Vi que tinha mais gente do nosso lado", diz ela, que é a favor do impeachment e filmou a cena
	alvo de gritos de "Tchau, querido". (ilha de DD)
	"O bar todo estava contra mim", disse o funcionário público Cláudio Cardoso
"Pela democracia com que Dilma foi eleita com o voto do povo. Temos a convicção de que vai ser barrado no STF."	
"Fazem tudo pela família, mas e o eleitor?", disse a dona de casa	

	Fernanda Curi
	Para tirar a Dilma e o Lula, é preciso engolir esses caras por um tempo", disse a assistente social Adriana Guedes
Discurso Indireto	as provocações, diz, foram apenas verbais
Intertexto	A cena fez com que a assessora especial Cristiane Nascimento, 35, resolvesse voltar ao bar horas depois, já à noite, para acompanhar a votação.
Discurso Narrativizado	Grupo assiste votação pelo seguimento do processo de impeachment em bar de Brasília
	Cientes vibraram e aplaudiram. Faltavam apenas 20 votos para que o processo fosse autorizado a seguir no Congresso.
	Em Brasília, a votação do impeachment que levou a Esplanada dos Ministérios a ser separada ao meio por um muro gerou divisões também nos bares.
	No Bierfass, bar no Lago Sul, as TVs ganharam volume alto assim que começou a votação.
	Garçons revezavam o atendimento com o olhar atento à telinha. Lá, a maioria do público era favorável ao impeachment.
	Já no Libanus, a divisão começou mais cedo. No início da tarde, clientes vestidos de verde e amarelo gritaram palavras de ordem contra outros, vestidos de camisetas vermelhas.
Mesmo favoráveis ao impeachment criticavam as repetidas falas dos deputados sobre votar em favor da família.	

Fonte: A autora, 2017

Podemos observar que a construção dessa primeira parte do texto se dá com muitas ocorrências de DD. Não na mesma proporção, mas também com bastante ocorrência, notamos a presença do DN.

Quadro 7 - Designações atribuídas às vozes da notícia 2 – 1ª parte

Notícia 2					
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>					
Designações					
Nome próprio	Substantivo com determinante indefinido	Substantivo com determinante definido	Substantivo com determinante demonstrativo	Pronomes	Embreantes
		O garçom			
André Fortes		O aposentado			
Renata Faria		A empresária			
	Um cliente				
Paulo Maluff		O deputado		Meu prefeito	
Fabricio Rubiale		O advogado			Vitoria (ES)
Cristiane Nascimento		A assessora especial			
Cláudio Cardoso		O funcionário público			
Fernanda Curi		A dona de casa			
Adriana Guedes		A assistente social			
Michel Temer		O vice-presidente			
Eduardo Cunha		O presidente da câmara			

Fonte: A autora, 2017

A primeira parte do texto possui muitas vozes identificáveis na quantidade de discursos diretos inseridos como voz de autoria. As designações utilizadas, principalmente, para a identificação dessas vozes são plurais e numerosas. Ao utilizar o recurso das designações, as autoras produzem a impressão que nos mostra que existe uma grande quantidade de pessoas que estão externando suas opiniões e que elas são das mais variadas profissões, indicando uma ideia totalizante.

Quadro 8 - Ocorrência de verbos *dicendi* – 1ª parte

Notícia 2	
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Argumentativa	Não há ocorrência
Caracterizadora	Disse aos risos / gritava
Coesiva	Não há ocorrência
Expressiva	Comemorou
Metalinguística	Anunciava / disse (8x) / afirma / diz (2x) / dizia

Fonte: A autora, 2017

A predominância da função metalinguística mostra que o enunciador/jornalista pretende apenas destacar as falas dos entrevistados.

Passemos agora para a segunda parte da notícia, que, de acordo com a nossa análise, é um texto que entra em embate com o primeiro, elaborado para mostrar o posicionamento de um grupo que é a favor do impeachment. Como já dissemos anteriormente, um aspecto importante desse texto é o termo utilizado para classificar o bar que é frequentado pelo grupo “contra saída” – pequeno e alternativo. Já mencionamos acima que, os bares frequentados por grupos que são a favor do processo de *impeachment*, na notícia, não são adjetivados. Se considerarmos a carga semântica empregada pelas palavras pequeno e alternativo, adjetivos delegados ao grupo contra o processo de *impeachment* é possível perceber uma negatividade conferida a esse grupo, ou até mesmo uma tentativa de deslegitimar pelas vias do desmerecimento.

Quadro 9 - Ocorrência de discursos relatados na notícia 2 – 2ª parte

Notícia 2	
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>	
Discurso Direto	"Você sofre muito, mas só importam os últimos cinco minutos." (entrevista)
	"É muito previsível se vai votar 'sim' ou 'não'. Se começa a falar de família, é 'sim'." (entrevista)
	Um meme compartilhado entre amigos dela ironizava o termo: "Por minha Família, voto sim". (ilha de DD)

	"Pela minha mãe, meu pai e pela Xuxa, eu voto sim", brincou Cláudia Maia, (entrevista)
	"É uma vergonha isso."
	um funcionário do STJ (Superior Tribunal de Justiça) que não quis se identificar festejou sucessivos votos do Ceará contrários ao impedimento. "Se o Brasil tivesse dez Cearás..." (entrevista)
	"Tchau, querido!", gritou uma cliente (entrevista)
	"Tá quanto? Tá foda. Tá foi", disse Renata Agostinho
Discurso Indireto	Renata Agostinho, 44, comparou a longa votação a um jogo de basquete.
	Agostinho reclamou dos deputados que diziam votar em defesa da família.
Discurso Segundo	Em outra mesa do bar, o jornalista Júlio Araújo, 45, se dizia surpreso com tantos deputados se pronunciando contra a corrupção "falando de frente para a corrupção, de frente para o Eduardo Cunha". (com presença de ilha de DD)
Discurso Narrativizado	Com o desenrolar da votação, no início da noite, o grupo de pessoas contrárias ao impeachment que se reunia no 400, um pequeno bar alternativo na Asa Norte, foi ficando agitado, se aproximando da TV, fazendo contas e falando mais alto
	Araújo confiava nos votos do Nordeste para salvar o placar em favor da presidente Dilma.
	Com 327 votos a favor do impeachment, as cadeiras do bar começaram a ser recolhidas.
	Apesar de o placar caminhar para uma decisão contrária à presidente Dilma, o grupo manteve o bom humor até o final.

Fonte: A autora, 2017

A grande incidência dos discursos que apresentam uma maior aproximação da presença do outro no discurso, tais como, DD, DS e DI, neste momento do texto, nos mostra que o enunciador-jornalista dá espaço para as vozes reportadas, se afastando da responsabilidade do dito.

Quadro 10 - Designações atribuídas às vozes da notícia 2 – 2ª parte

Notícia 2					
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>					
Designações					
Nome próprio	Substantivo com determinante indefinido	Substantivo com determinante definido	Substantivo com determinante demonstrativo	Pronomes	Embreantes
Renata Agostinho / Agostinho		O garçom		Dela	
Cláudia Maia		O aposentado			Funcionári a pública
Julio Araújo/ Araújo		A empresária			
	Um funcionário público				
Renata Agostinho / Agostinho		O deputado		Dela	

Fonte: A autora, 2017

Na 2ª parte do texto, identificamos um aspecto muito interessante: o fato de uma única pessoa ter sido referenciada quatro vezes de diferentes formas. A voz da Renata Agostinha retorna por vezes, o que nos traz a ideia de repetição. Somamos a isso, as poucas vozes que representam o posicionamento contra a abertura do processo. O quadro nos mostra e nos confirma que esse grupo é pequeno, pelas poucas vozes reportadas.

Quadro 11 - Ocorrência de verbos *dicendi* – 2ª parte

Notícia 2	
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Argumentativa	Comparou
Caracterizadora	Reclamou / brincou / se dizia / gritou
Coesiva	Não há ocorrência

Expressiva	Ironizava / festejou
Metalinguística	Disse

Fonte: A autora, 2017

A predominância da função caracterizadora neste momento da notícia mostra que o enunciador/jornalista pretende mostrar singularizar os enunciadore/entrevistados. É interessante notar também o uso da função expressiva. Os verbos ironizar e festejar sugere certo descontrole dos enunciadore.

A terceira parte do texto intitulada de “NÃO É COPA DO MUNDO” foi elaborado com discursos que mostram a insatisfação de um grupo independente do resultado. Este texto nos traz a ideia de que, para além dos grupos confrontantes, há também pessoas que não estão satisfeitas e, por isso, preferem não fazer da votação um evento competitivo, como acontece nos eventos esportivos, a referência a “copa do mundo” nos confirma essa ideia, juntamente com a seguinte frase: "Está todo mundo ligado, mas não é a Copa do Mundo. Está todo mundo triste. Não são duas torcidas, são dois adversários".

Quadro 12 - Ocorrência de discursos relatados na notícia 2 – 3ª parte

Notícia 2	
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>	
Discurso Direto	"NÃO É COPA DO MUNDO" (ilha de DD)
	"Está todo mundo ligado, mas não é a Copa do Mundo. Está todo mundo triste. Não são duas torcidas, são dois adversários", afirmou o corretor Alexandre Sola
	"Não dá para comemorar, para um lado ou para o outro. É como assistir a um jogo de dois times estrangeiros", completou.
	"Muita gente não vai à manifestação, mas vem para o bar assistir", disse.
	Também havia quem circulasse com placas de "Tchau, querida", frase utilizada por movimentos pró-impeachment.(ilha de DD)
	"Qualquer coisa que acontecer hoje será ruim. Todos sentem na pele o desgoverno da Dilma, mas ninguém acredita que vem alguma coisa boa", diz o comerciante Marcelo

Discurso Segundo	o gerente Antônio Moreira optou por separar futebol e política. Segundo ele, clientes haviam ligado mais cedo manifestando interesse de ver uma partida
Discurso Narrativizado	Enquanto o Congresso ainda se preparava para iniciar a sessão e manifestantes favoráveis e contrários à presidente Dilma se juntavam na Esplanada dos Ministérios, o clima nas ruas de Brasília era calmo.
	Shoppings na área central da cidade fecharam as portas e havia pouco movimento —com exceção da manifestação na Esplanada e de bares e restaurantes.
	Em parte dos estabelecimentos, TVs estavam ligadas transmitindo notícias sobre o impeachment.
	Apesar do clima de aparente tranquilidade, o resultado da votação era uma preocupação comum.

Fonte: A autora, 2017

Nesta parte do texto, visualizamos que os DDs e os DNs foram utilizados de maneira proporcional.

Quadro 13 - Designações atribuídas às vozes da notícia 2 – 3ª parte do texto

Notícia 2					
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>					
Designações					
Nome próprio	Substantivo com determinante indefinido	Substantivo com determinante definido	Substantivo com determinante demonstrativo	Pronomes	Embreantes
Alexandre sola		O corretor			
Marcelo André		O comerciante			
Antônio Moreira		O gerente		Ele	

Fonte: A autora, 2017

As vozes que aparecem aqui são meramente ilustrativas. Não soam ter importância.

E por fim, para concluir os tópicos da nossa análise, vamos discutir a questão dos verbos *dicendi*. Assim como ocorreu nas análises anteriores, vamos também nesse tópico separar os textos em três partes.

Quadro 14 - Ocorrência de verbos *dicendi* – 3ª parte

Notícia 2	
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Argumentativa	Não há ocorrência
Caracterizadora	Não há ocorrência
Coesiva	Completo
Expressiva	Não há ocorrência
Metalinguística	Afirmou / diz / disse

Fonte: A autora, 2017

Os quadros acima esclarecem como a relevância do assunto é tratada em cada parte da notícia. É possível constatar a discrepância dos usos dos verbos *dicendi* principalmente nas duas primeiras partes da notícia. Os verbos que se repetem, como por exemplo, o verbo “dizer” nos reporta a uma voz coerente, que expõe sua opinião.

Em contra partida, encontramos na segunda parte da notícia verbos como “reclamou”, “festejou”, “gritou”. Esses verbos possuem uma carga semântica que conferem emoção as falas das pessoas. Os sentidos emocionais atribuídos a essas falas entram em embate com os verbos utilizados na primeira parte do texto que sugere o oposto do emocional - a razão, a coerência.

A terceira parte da notícia apresenta o posicionamento daquele grupo de pessoas que não são nem a favor nem contra a admissibilidade do processo de *impeachment*. Não é um texto que entra em embate com os dois primeiros. De qualquer forma, não altera o maior sentido atribuído ao texto, nem mesmo o juízo exposto no texto – o evidente posicionamento político das jornalistas/enunciadoras.

A construção de uma notícia composta por três partes que expõem três diferentes perspectivas nos faz considerar os aspectos mais evidentes da construção de um aparente equilíbrio. Para nós, após os aspectos mencionados na nossa análise, fica notório que as autoras do texto se põem a favor da admissibilidade do processo de *impeachment*. Esse posicionamento fica claro se analisarmos a organização textual. A quantidade de vozes

atribuídas aos que são a favor é maior que as vozes dos que são contra. Os adjetivos direcionados ao bar onde o grupo contra o *impeachment* se encontra mostra um julgamento de valor, pequeno e alternativo, por outro lado, o mesmo julgamento não acontece nos outros bares onde estão os grupos a favor.

Notícia 3: Contra impeachment, rodoviários de Salvador fazem paralisação na manhã desta sexta (Jornal Correio 24h)

A primeira notícia, publicada no dia 15 de abril de 2016, apresenta a seguinte manchete: “Contra impeachment, rodoviários de Salvador fazem paralisação na manhã desta sexta”. Trata-se de uma notícia curta, composta por 4 parágrafos. No primeiro deles, tem-se a explicação do acontecimento: rodoviários farão uma paralisação num período de 4 horas, como forma de protesto pedindo reajuste salarial e contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff. No segundo parágrafo, o presidente do sindicato caracteriza a paralisação, explica que existe uma pauta de reivindicações que foi entregue aos empresários, mas a contraproposta não atende as demandas, afirmando, portanto, a falta de capacidade de negociação dos empresários. Além disso, afirma que a paralisação é em favor da democracia e contra a perpetração de um golpe de empresários, fazendo referência à Fiesp.; e, nos últimos o secretário de Mobilidade Urbana explica a não legitimidade do ato, pois eles não foram notificados o que configura uma paralisação ilegal, estando sujeitos a receber multa. Desse modo, a paralisação dos rodoviários é tematizada como irresponsável, pois é uma paralisação de cunho político, com a temática sobre o impeachment e também como forma de pedir reajuste salarial.

Os quadros que seguem são os recortes que analisamos sobre os aspectos linguísticos que extraímos do texto.

Quadro 15 - Ocorrência de discurso relatado na notícia 3 – JC24h

Notícia 3	
Título: <i>Contra impeachment, rodoviários de Salvador fazem paralisação na manhã desta sexta</i>	
Discurso Direto	"Primeiro a gente tem uma pauta de reivindicações que foi entregue aos empresários, eles têm uma contraproposta que não atende. É um protesto

	pela falta de capacidade de negociar dos empresários. E também é um apoio à democracia contra a perpetração de um golpe dos empresários, através da Fiesp, das empresas", diz o Daniel Mota
	"Somos a favor da democracia, contra o impeachment da presidente Dilma".
	"Não recebemos nenhum comunicado. É uma paralisação irresponsável, com cunho político, e vamos tomar as providências cabíveis caso realmente aconteça", disse ele em contato com o CORREIO. "Se configura paralisação, vamos multar as concessionárias pelas 4 horas paradas", afirma. "Para fazer uma paralisação é preciso publicar (a decisão), comunicar".
Discurso Indireto	O secretário de Mobilidade Urbana (Semob), Fábio Mota, afirma que a prefeitura não foi informada da decisão
Discurso Segundo	Segundo o Sindicato dos Rodoviários, o protesto é tanto pedindo reajuste salarial como uma manifestação contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff, que será votado pela Câmara no domingo.
	Segundo ele, a prefeitura está preparada para enviar o transporte alternativo para os principais corredores da cidade.
Discurso Narrativizado	<i>Eles também pedem que empresários continuem negociações salariais</i>
	Os rodoviários de Salvador vão fazer uma paralisação das 4h às 8h desta sexta-feira (15).

Fonte: A autora, 2017

A notícia apresentada é constituída, majoritariamente, de discursos atribuídos a outros. Dessa forma, o enunciador/jornalista se isenta da responsabilidade do que esta sendo dito. Assim, a notícia é basicamente construída de relatos onde é possível identificar as fontes/enunciadoras.

Quadro 16 - Ocorrência de designação na notícia 3 – JC24h

Notícia 3
Título: <i>Contra impeachment, rodoviários de Salvador fazem paralisação na manhã desta sexta</i>
Designações
Os rodoviários

presidente Dilma Rousseff
Daniel Mota, diretor de comunicação do sindicato.
O secretário de Mobilidade Urbana (Semob), Fábio Mota

Fonte: A autora, 2017

Um aspecto que não devemos desconsiderar nessa notícia é: que vozes estão sendo trazidas para a constituição desse texto? A notícia versa sobre a paralisação que rodoviários estão mobilizando para reivindicar reajuste salarial. No entanto, as vozes que aparecem são as do representante do sindicato e a do secretário de mobilidade urbana. Em nenhum momento, as vozes dos manifestantes foram colocadas em questão, ou mesmo consideradas. Cabe-nos, aqui, frisar o silenciamento dessas vozes.

Quadro 17 - Ocorrência de verbos *dicendi* na notícia 3 – JC24h

Notícia 3	
Título: <i>Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Argumentativa	Não há ocorrência
Caracterizadora	Não há ocorrência
Coesiva	Não há ocorrência
Expressiva	Não há ocorrência
Metalinguística	Diz / disse / afirma (2x)

Fonte: A autora, 2017

Como podemos analisar, a notícia 3 é constituída apenas por verbos *dicendi* com a função metalinguística. Podemos inferir, portanto, que a intenção do enunciador/jornalista nessa notícia é centralizar a atenção no próprio texto.

Notícia 4: “Manifestação contra impeachment provoca 5 km de engarrafamento na BR-324”. (Jornal Correio 24h.)

A segunda notícia, também publicada no dia 15 de abril de 2016, é intitulada “**Manifestação contra impeachment provoca 5 km de engarrafamento na BR-324**”.

A notícia é constituída por 4 parágrafos. No primeiro parágrafo encontramos a descrição do acontecimento: manifestantes interromperam o trânsito e duas faixas da BR-324,

na região metropolitana de Salvador, ficou interditada. No segundo parágrafo, a presença de relatos de testemunhas e afirma que os protestos são de grupos que apoiam o governo. No terceiro, os procedimentos tomados por autoridades como a Polícia Rodoviária Federal e a concessionária que administra a rodovia. E por fim, no quarto parágrafo, um pequeno relato de mais uma manifestação organizada por grupos de apoio ao governo- ligados à CUT, que ocorreu em uma rodovia (Via Parafuso). Também com a temática sobre o *impeachment*, divulga a manifestação que ocorreu na BR-324 na região metropolitana de Salvador e que provocou um engarrafamento de 5 km.

Quadro 18 - Ocorrência de discurso relatado na notícia 4 – JC24h

Notícia 4	
Título: <i>Manifestação contra impeachment provoca 5 km de engarrafamento na BR-324</i>	
Discurso Segundo	Segundo testemunhas, os manifestantes fazem uma carreta em protesto contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff, que será votado na Câmara dos Deputados neste domingo
	Por volta das 6h45, as duas faixas foram liberadas pelos manifestantes, segundo a Via Bahia.
	Os manifestantes fecharam a via por volta das 5h e mantiveram a ocupação até as 8h, segundo o Batalhão de Polícia Rodoviária Estadual (BPRE).
Intertexto	<i>O protesto, organizado por grupos de apoio ao governo, deixou trânsito lento</i>
	A paralisação, iniciada por volta das 5h, interrompeu as duas faixas da via no sentido Feira de Santana, no km-608
	O protesto, organizado por grupos de apoio ao governo, provocou um engarrafamento de aproximadamente 5km
Discurso Narrativizado	Manifestantes interromperam o trânsito na BR-324, próximo ao município de Simões Filho, na Região Metropolitana de Salvador, em protesto na manhã desta sexta-feira (15).
	Equipes da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e da Via Bahia, concessionária que administra a rodovia, foram enviadas ao local para negociar a liberação da via.
	Por volta das 6h20, uma das faixas no sentido Feira de Santana foi

	liberada
	Grupos de apoio ao governo, ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT), também fecharam a BA-535, a Via Pafuso, em Camaçari.

Fonte: A autora, 2017

Quadro 19 - Ocorrência de designação na notícia 4 – JC24h

Notícia 4
Título: <i>Manifestação contra impeachment provoca 5 km de engarrafamento na BR-324</i>
Designações
Manifestantes
Daniel Mota – diretor de comunicação do sindicato
presidente Dilma Rousseff
grupos de apoio ao governo

Fonte: A autora, 2017

A notícia é composta por DN e DS. A ocorrência do discurso narrativizado nos mostra que o enunciador/jornalista ao elaborar sua escrita, assume a responsabilidade do dito, uma vez que, ao proporcionar o apagamento das fontes de onde obteve a informação ele se apropria da autoria. No entanto, há também a ocorrência do discurso segundo onde o enunciador/jornalista também traz as outras vozes para o seu texto.

No que tange a questão das designações, é importante assinalar que o grupo mencionado apoia o governo.

Quadro 20 - Ocorrência de verbos *dicendi* na notícia 4 – JC24h

Notícia 4	
Título: <i>Manifestação contra impeachment provoca 5 km de engarrafamento na BR-324</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Argumentativa	Não há ocorrência
Caracterizadora	Não há ocorrência
Coesiva	Não há ocorrência
Expressiva	Não há ocorrência

Metalinguística	Não há ocorrência
-----------------	-------------------

Fonte: A autora, 2017

A não ocorrência dos verbos *dicendi* caracteriza esse texto como uma produção meramente descritiva, onde o enunciador/jornalista apenas dispõe de informações sem apresentar uma fonte, sem denunciar que algo foi dito por outrem.

Notícia 5: Bancários fazem paralisação parcial e participam de ato a favor da democracia em Salvador (Jornal Correio 24h.)

A terceira notícia do dia 15 de abril de 2016 intitulada “Bancários fazem paralisação parcial e participam de ato a favor da democracia em Salvador”, com a temática do impeachment, assim como as duas primeiras, traz a paralisação parcial que os bancários baianos organizaram em favor da democracia, assim como um protesto contra o impeachment da presidente, justamente no dia em que se comemora nacionalmente os dias de Luta e Paralisações.

Quadro 21 - Ocorrência de discurso relatado na notícia 5 – JC24h

Notícia 5	
Título: <i>Bancários fazem paralisação parcial e participam de ato a favor da democracia em Salvador</i>	
Intertexto	<i>Abertura das agências foi atrasada.</i>
	<i>Nesta tarde, às 15h, um ato reúne movimentos a favor da Democracia no Campo Grande</i>
	As agências bancárias no Centro de Salvador e nas principais cidades baianas vão abrir uma hora mais tarde, às 11h, nesta sexta-feira
Discurso Narrativizado	A paralisação da categoria é parcial e faz parte do Dia Nacional de Luta e Paralisações, um protesto contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff.
	Além disto, os bancários vão participar de um ato político e cultural que reúne movimentos a favor da Democracia.
	O ato está marcado para às 15h no Campo Grande, e segundo o

	Sindicato dos Bancários, não há paralisação prevista para o fim do expediente da categoria hoje.
--	--

Fonte: A autora, 2017

A notícia constituída basicamente por DN é uma notícia característica de uma descrição e, de acordo com a perspectiva que adotamos como análise, os discursos narrativizados são indicativos de que o enunciador/jornalista assume a autoria do dito, numa produção onde a ideia de “informar objetivamente” não é considerada.

Quadro 22 - Ocorrência de verbos *dicendi* na notícia 5 – JC24h

Notícia 5	
Título: <i>Bancários fazem paralisação parcial e participam de ato a favor da democracia em Salvador</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Argumentativa	Não há ocorrência
Caracterizadora	Não há ocorrência
Coesiva	Não há ocorrência
Expressiva	Não há ocorrência
Metalinguística	Não há ocorrência

Fonte: A autora, 2017

Assim como ocorreu na notícia anterior, na notícia 5 também não é possível observar a ocorrência de verbos *dicendi*. A não ocorrência dos verbos *dicendi* caracteriza esse texto como uma produção meramente descritiva, onde o enunciador/jornalista apenas dispõe de informações sem apresentar uma fonte, sem denunciar que algo foi dito por outrem.

Notícia 6: Integrantes do MST fecham parte da BR-324 em marcha rumo ao Farol da Barra (Jornal Correio 24h).

A quarta notícia que vamos analisar foi publicada no dia 16 de abril, intitulada “Integrantes do MST fecham parte da BR-324 em marcha rumo ao Farol da Barra” é composta por 4 parágrafos. O primeiro parágrafo começa com a informação de que integrantes do Movimento Sem Terra ocuparam algumas vias da BR 324, contando com a

presença de aproximadamente três mil pessoas, segundo os organizadores. No segundo parágrafo é um relato de um integrante da CUT que esclarece como vai proceder o ato. No terceiro paragrafo é composto de apenas duas linhas que explicam que os integrantes do MST vão ocupar partes da via, deixando o fluxo de veículos intenso. E, por fim, o último parágrafo traz uma nota da Polícia Rodoviária Federal orientando os usuários a evitar passar por aquela via, por conta do congestionamento.

Quadro 23 - Ocorrência de discurso relatado na notícia 6 – JC24h

Notícia 6	
Título: <i>Integrantes do MST fecham parte da BR-324 em marcha rumo ao Farol da Barra</i>	
Discurso Direto	"Estamos na BR-324 e vamos sair em caminhada até a Barra. Vamos permanecer por lá até amanhã quando vai ser realizada um missa campal em homenagem aos 20 anos do Massacre de El Dorado dos Carajás", explicou Valdemir Santana da Central Única dos Trabalhadores (CUT)
	"A PRF estará trabalhando com reforço no efetivo para garantir a manutenção da ordem pública com ações isentas e com adoção de protocolos de uma polícia de estado, para, com isso, diminuir os transtornos aos usuários das rodovias", afirmou.
Discurso Segundo	<i>De acordo com os organizadores, cerca de três mil pessoas participam do ato</i>
	De acordo com um dos organizadores do movimento, cerca de três mil pessoas estão participando do ato, mas a expectativa é de que o número total chegue a cinco mil.
Discurso Narrativizado	Integrantes do Movimento Sem Terra (MST) ocuparam na manhã deste sábado (16) algumas vias da BR-324, no quilômetro 604
	Eles iniciaram uma marcha em direção ao Farol da Barra, em Salvador, e a previsão de chegada na capital baiana é ao meio dia.
	Os integrantes do MST se concentram em parte da via e no canteiro central, o que deixa o fluxo de veículos intenso na região.
	Em nota, a Polícia Rodoviária Federal orientou os usuários para evitarem a via por conta do congestionamento que seria formado

Fonte: A autora, 2017

A notícia é na mesma proporção de DD e DN. Isso confere uma parcial autoria da notícia. O enunciador/jornalista além de atribuir a fala do outro, com os DDs, ele assume a autoria do dito nas DNs.

Quadro 24 - Ocorrência de designação na notícia 6 – JC24h

Notícia 6
Título: <i>Integrantes do MST fecham parte da BR-324 em marcha rumo ao Farol da Barra</i>
Designações
Organizadores
Integrantes do Movimento Sem Terra (MST)
Valdemir Santana, da Central Única dos Trabalhadores (CUT)
os usuários

Fonte: A autora, 2017

É interessante perceber as designações utilizadas para caracterizar os co-enunciadores da notícia. As denominações “*organizadores*” e “*integrantes do MST*” estão diretamente ligados ao campo semântico que se refere à luta e manifestos, legitimando-os.

Quadro 25 - Ocorrência de verbos *dicendi* na notícia 6 – JC24h

Notícia 6	
Título: <i>Integrantes do MST fecham parte da BR-324 em marcha rumo ao Farol da Barra</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Argumentativa	Não há ocorrência
Caracterizadora	Orientou
Coesiva	Não há ocorrência
Expressiva	Não há ocorrência
Metalinguística	Explicou / afirmou

Fonte: A autora, 2017

Os verbos *dicendi* utilizados na constituição dessa notícia inferem ao texto o sentido de clareza e discernimento. Ao utilizar a função metalinguística o enunciador/jornalista direciona a atenção para o texto.

Notícia 7: Manifestantes contra e a favor do impeachment se reúnem na Barra e no Jardim de Alah (Jornal Correio 24h.)

A quinta notícia que vamos analisar foi publicada no dia 17 de abril de 2016, intitulada “*Manifestantes contra e a favor do impeachment se reúnem na Barra e no Jardim de Alah*”. A notícia é composta por 8 parágrafos. O primeiro parágrafo é iniciado com a informação de que haverá em dois lugares diferentes manifestações pró e contra o impeachment. A reunião de manifestantes que ser encontraram no Farol da Barra foi intitulada de “Vigília contra o golpe”.

O segundo parágrafo traz as vozes de dois vereadores que são pró-governo- Gilmar Santiago e Aladilce- ambos vereadores do PT. Eles destacaram a importância histórica desse movimento.

O terceiro parágrafo carrega informações que dão conta do grupo pró-impeachment: o evento acontecerá no Jardim de Alah e terá mini-trios para discursos a favor do impeachment e contra a corrupção.

Ainda sobre a organização da manifestação do grupo pro-impeachment, o quarto parágrafo apresenta alguns detalhes dos eventos ocorridos, como por exemplo, por conta de alguns problemas técnicos com o som em um dos telões, manifestantes invadiram a pista da Avenida Otavio Mangabeira.

A partir do quinto parágrafo, as construções que seguem são textos que trazem vozes reportadas. A começar por Siqueira Costa Junior, liderança do Movimento Brasil livre Bahia, ele fala sobre a estimativa do público esperado no Jardim de Alah.

O sexto parágrafo traz a voz do estudante Danilo Rocha – filiado ao Partido Social Cristão, que acredita no aumento do público na manifestação que acontecerá no Jardim de Alah. Ele explica que houve mudança no local da manifestação e muita gente ainda estava sem a informação da mudança de local.

No sétimo parágrafo a voz do médico José Neves, que carrega um cartaz escrito “Fora PT”, afirma que o partido é especialista em corrupção, acredita que o impeachment é o primeiro passo para tirar uma parte dos ladrões da política.

Finalizando a construção da notícia, o oitavo parágrafo apresenta dados de que até o momento que a matéria foi divulgada, não houve nenhum registro de ocorrência perante a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia. A última voz trazida é do secretário, Mauricio Barbosa, que afirma a polícia estar preparada para garantir que os baianos possam

expressar suas opiniões, ao passo que a polícia também está preparada para intervenções, caso haja necessidade.

Abaixo destacamos os elementos linguísticos que são alvos de nossa análise. Os dispomos em quadros:

Quadro 26 - Ocorrência de discurso relatado na notícia 7 – JC24h

Notícia 7	
Título: <i>Manifestantes contra e a favor do impeachment se reúnem na Barra e no Jardim de Alah</i>	
Discurso Direto	O Farol da Barra e o Jardim de Alah receberam manifestantes contra e a favor do impeachment, respectivamente, na tarde deste domingo (17). (ilha de DD)
	"Amanhã, mesmo com Dilma no governo, vamos continuar nas ruas porque eles vão continuar dando o golpe", afirmou Santiago.
	"Não pode ter golpe. Dilma tem que ficar e Cunha deve ser banido", complementou Aladilce.
	"A gente espera reunir de 15 a 20 mil pessoas aqui no jardim de Alah, já que o nosso movimento foi esvaziado quando nos tiraram da Barra. Estamos com internet aqui cobrando dos deputados que estão ausentes do congresso e pressionando os indecisos. E quando acabar, estamos programando uma carreata até o Rio Vermelho em comemoração", afirmou.
	"Não tivemos tempo de divulgar que a manifestação aconteceria aqui. O pessoal estava pensando que continuaríamos na Barra e muita gente foi pra lá e está voltando agora", opinou.
	Circulando com um cartaz escrito "Fora PT", o médico José Neves (ilha de DD)
	o médico José Neves, 66 anos, afirmou que o "Brasil vive um momento crítico por conta da quadrilha que tomou conta do poder". (ilha de DD)
	"O PT mostrou que é especialista em corrupção. O impeachment é o primeiro passo para tirar uma parte dos ladrões da política, que é o PT", disse.

	“A polícia está trabalhando para garantir que os cidadãos baianos possam expressar suas opiniões. Contamos com a colaboração da população e estamos preparados para intervir se existir a necessidade”, afirmou o secretário Maurício Barbosa.
Discurso Segundo	De acordo com Siqueira Costa Junior, liderança do Movimento Brasil Livre Bahia, por volta das 16h30, o público estimado pela organização era de 5 mil pessoas
	Segundo o estudante Danilo Rocha, filiado ao Partido Social Cristão (PSC), a expectativa é que o público cresça até o início da votação na Câmara dos Deputados, prevista para ter início às 17h
Intertexto	O Farol da Barra e o Jardim de Alah receberam manifestantes contra e a favor do impeachment, respectivamente, na tarde deste domingo (17).
	Uma carreta deixou o trânsito congestionado no local.
Discurso Narrativizado	<i>Até às 15h deste domingo nenhuma ocorrência relevante foi registrada pela SSP; efetivos policiais foram reforçados</i>
	No Jardim de Alah, grupo pró-impeachment se reuniu na área dos coqueiros, onde dois telões foram instalados.
	Em um minitrio, manifestantes subiram para discursar a favor do impeachment e contra a corrupção.
	Até às 15h deste domingo nenhuma ocorrência relevante foi registrada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA).
	Os efetivos policiais foram reforçados e agentes seguem infiltrados com o objetivo de prevenir e combater qualquer tipo de confusão.

Fonte: A autora, 2017

Podemos perceber que na construção desta notícia o enunciador/jornalista utiliza o DD para frisar o deslocamento de sua fala para a fala do outro. Podemos observar também que, na mesma proporção ele utiliza o DN, conferindo aí o apagamento das fontes de onde obteve a informação e dessa forma, assumindo a responsabilidade do dito.

Quadro 27- Ocorrência de designação na notícia 7 – JC24h

Notícia 7	
Título: <i>Manifestantes contra e a favor do impeachment se reúnem na Barra e no Jardim de Alah</i>	
Designações	
	Manifestantes
	Líderes do movimento
Gilmar Santiago e Aladilce,	os vereadores
Siqueira Costa Junior,	liderança do Movimento Brasil Livre Bahia
Danilo Rocha	o estudante
José Neves	o médico
Maurício Barbosa.	o secretário

Fonte: A autora, 2017

É relevante considerar, nesta notícia, as designações destinadas às vozes trazidas pelo enunciador/jornalista. As designações mostram, neste caso, as vozes autorizadas a falar sobre o assunto. Elas deixam claro quem são os atores sociais e o posicionamento por eles tomado.

Quadro 28 - Ocorrência de verbos *dicendi* na notícia 7 – JC24h

Notícia 7	
Título: <i>Manifestantes contra e a favor do impeachment se reúnem na Barra e no Jardim de Alah</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Argumentativa	Não há ocorrência
Caracterizadora	Destacaram / opinou / complementou
Coesiva	Não há ocorrência
Expressiva	Não há ocorrência
Metalinguística	Afirmam / afirmou (4x) / disse

Fonte: A autora, 2017

A ocorrência dos verbos *dicendi* nessa notícia tem a predominância das funções caracterizadora, quando o enunciador destaca o co-enunciador; e metalinguística que tende a centralizar a atenção no texto.

Notícia 8: Artistas baianos participam de manifestação pró-governo no Farol da Barra
(Jornal Correio 24h.)

A sexta notícia que extraímos do jornal Correio 24h é intitulado “Artistas baianos participam de manifestação pró-governo no Farol da Barra” publicado no dia 17 de abril de 2016. A notícia é composta por 7 parágrafos. O primeiro parágrafo traz a informação de que acontecerá uma manifestação contra o processo de impeachment que ocorrerá no Farol da Barra, em Salvador.

O segundo parágrafo traz a voz de Cedro da Silva, presidente da CUT na Bahia e, um dos organizadores dessa manifestação. Cedro diz que 150 mil pessoas são esperadas durante todo o dia.

O terceiro parágrafo informa que o estimativo de público esperado será divulgado pelo Departamento de Comunicação da Polícia Militar. Tanto do movimento pró-impeachment – no Jardim de Alah; quanto do movimento contra o impeachment – no Farol da Barra.

No quarto parágrafo, o major Assemani, da 11ª Companhia Independente de Polícia Militar, afirma que o efetivo policial em cada manifestação será proporcional ao público esperado pela PM.

No quinto parágrafo, o enunciador-jornalista elenca artistas baianos que manifestaram seu apoio ao governo, no Farol da Barra, onde as atividades culturais começaram às 7h da manhã.

No sexto parágrafo, a voz de Cedro da Silva é trazida novamente. O presidente da CUT afirma que começou uma mobilização para explicar as pessoas na rua o que é crime de responsabilidade.

E, por fim, a informação de que os manifestantes pró-governo vão assistir a cotação num telão montado no Farol da Barra, que contém ainda um trio grande, dois auxiliares e um mini trio.

Quadro 29 - Ocorrência de DR na notícia 8 – JC24h

Notícia 8	
Título: <i>Artistas baianos participam de manifestação pró-governo no Farol da Barra</i>	
Discurso Direto	"A gente começou a mobilizar, a levar as pessoas para as ruas para explicar o que é crime de responsabilidade, que estão acusando a presidente Dilma", afirmou Cedro Silva
Discurso Indireto	Silva disse ainda que são esperadas 150 mil pessoas durante todo o

	<p>dia.</p> <p>A Polícia Militar, entretanto, informou que a estimativa de público das manifestações a favor do impeachment, no Jardim de Alah, e anti-impeachment, no Farol da Barra, assim como o efetivo policial empregado nos dois locais, serão divulgados pelo Departamento de Comunicação da PM</p> <p>Ele afirmou ainda que o reforço do policiamento vai acontecer também nas vias de acesso ao Farol da Barra e ao Jardim de Alah, assim como nos corredores de ônibus dos dois locais.</p>
<p>Discurso Segundo</p>	<p>Segundo Cedro Silva, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) na Bahia e um dos organizadores da manifestação na Barra, cerca de 5 mil integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) eram contabilizados no local na manhã deste domingo (17)</p> <p>No total, segundo Silva, já são 10 mil pessoas concentradas no Farol da Barra em ato contra o impeachment.</p> <p>Porém, conforme o major Assemani, da 11ª Companhia Independente de Polícia Militar (CIPM/ Barra), o efetivo policial em cada manifestação será proporcional ao público esperado pela PM</p>
<p>Discurso Narrativizado</p>	<p>Manifestantes contrários ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, que vai ser <u>votado hoje a partir das 14h</u>, já estão concentrados no Farol da Barra, em Salvador. Eles <u>estão acampados desde ontem (16)</u> no local.</p> <p>No Farol da Barra, as atividades culturais começaram às 7h.</p> <p>Também na manhã de hoje, artistas baianos manifestam seu apoio ao governo no local.</p> <p>Dentre os artista que confirmaram presença, estão a Banda Aiyê, Russo Passapusso, Cláudia Garcia, Lazzo Matumbi, Aluísio Nunes, dentre outros.</p> <p>Para acompanhar a votação, os manifestantes pró-governo estão montando um telão no Farol da Barra. A estrutura conta ainda com um trio grande, dois auxiliares e um mini trio. A previsão é de que a votação termine por volta das 21h.</p>

Fonte: A autora, 2017

Esta notícia é constituída de maneira que é possível identificar muitos DDs e DNs. Compreendemos que, dessa forma, o enunciador/jornalista além de assumir a responsabilidade pelo dito, quando provoca o apagamento do outro – DN; ele também se utiliza do recurso de trazer as vozes, especialmente, de autoridades que estão envolvidas na manifestação diretamente.

Quadro 30 - Ocorrência de designação na notícia 8 – JC24h

Notícia 8	
Título: <i>Artistas baianos participam de manifestação pró-governo no Farol da Barra</i>	
Designações	
<i>Banda Aiyê, Russo Passapusso, Cláudia Garcia, Lazzo Matumbi, Aluísio Nunes</i>	Artistas baianos
Cedro Silva,	presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT)
Dilma Rousseff	a presidente
	manifestantes
Assemani	O major

Fonte: A autora, 2017

Nesta notícia, não consideramos que as designações representam um indicativo capaz de gerar tensão ao que está sendo dito.

Quadro 31 - Ocorrência de verbos *dicendi* na notícia 8 – JC24h

Notícia 8	
Título: <i>Artistas baianos participam de manifestação pró-governo no Farol da Barra</i>	
Função predominante	Verbos <i>dicendi</i>
Argumentativa	Não há ocorrência
Caracterizadora	Não há ocorrência
Coesiva	Não há ocorrência
Expressiva	Manifestam
Metalinguística	Disse / informou / afirmou (2x)

Fonte: A autora, 2017

A frequente ocorrência da função metalinguística mostra que enunciador/jornalista quer centralizar a atenção ao que está sendo dito. Mas é interessante perceber o uso do verbo manifestar, que, nesse contexto, incorpora a função expressiva, pois o ato de manifestar implica em dizer algo.

Considerações Parciais

As notícias analisadas do jornal Folha de S. Paulo são compostas de maneiras diferentes. Enquanto que, na primeira notícia, temos a prevalência dos discursos narrativizados temos na segunda notícia a prevalência de discursos diretos. Nossos estudos apontam que, o resgate da voz do outro confere ao enunciador o afastamento da responsabilidade do dito. Por outro lado, a concepção do conceito de discurso narrativizado derruba a ilusória ideia de um gênero *informativo-objetivo* (SANT'ANNA, 2003). Contudo, não significa dizer que, se a notícia é predominantemente composta por discursos diretos, não teremos a voz do enunciador, pois, na construção do texto é o enunciador que faz o recorte das vozes mostradas e das vozes apagadas. A segunda notícia do jornal possui muitos elementos que revelam as vozes que realmente importaram para os enunciadores ao elaborar sua matéria. Quem são as pessoas que estão sendo autorizadas a falar?

Já nas notícias do jornal Correio 24h, observamos a predominância do discurso narrativizado e também do discurso segundo. Isto confere a falsa ideia de uma notícia objetiva, que revela, na verdade apagamento de outras vozes, na construção do enunciador. Os textos se apresentam, por vezes, meramente descritivo, onde o enunciador/jornalista assume a responsabilidade do dito. Entretanto é possível ver também que outras notícias são constituídas de discursos segundo, ou seja, o enunciador/jornalista se afasta do dito quando insere a fala do outro no seu texto, mas ao mesmo tempo ele dá lugar a fala do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inquietação que nos motivou apostar pelo tema deste trabalho surgiu em 2013, como mencionamos na introdução. As Jornadas de Junho foram o nosso ponto de partida para que pudéssemos chegar até os eventos que suscitaram o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Nossa proposta inicial era analisar as produções de sentidos dos discursos de *impeachment* que ecoavam em comunidades discursivas, aparentemente, opostas durante a votação para a admissibilidade do processo de *impeachment*, na Câmara dos Deputados, no período que compreendeu os dias 15/04/2016 à 18/04/2016. Optamos por analisar os jornais de maior visibilidade, de acordo com a ANJ, dos estados de maior expressividade dos votos: São Paulo e Bahia. A escolha por essas duas cidades se deu com o resultado da votação na Câmara dos Deputados onde foi possível perceber a diferença dos posicionamentos das duas cidades, com São Paulo sendo o estado onde mais tiveram votos favoráveis ao *impeachment*; e, Bahia o estado com maioria de votos contrários ao impedimento.

Como sustentação teórica-analítica utilizamos os conceitos foucaultianos de *poder* e *resistência*. Quando Foucault (1989) inaugura seus estudos e afirma que o poder está ligado às relações de força, ele quebra com a ideia de um poder centralizado e unilateral. Partindo dessa premissa, julgamos conveniente trazer a discussão sobre o fenômeno da manipulação midiática. Se tomarmos como pressuposto que a mídia é um veículo de manipulação, deixamos de considerar os aspectos do poder foucaultiano. Além disso, desconsideramos a conceituação de Maingueneau (2007) sobre o discurso. Maingueneau (2007) baseado em Foucault (1989) afirma que o discurso é precedido pelo que ele chama de um *interdiscurso*, em poucas palavras, a anterioridade da voz do Outro sobre a voz do Mesmo. O que nos leva a concluir que, o discurso lançado pelas mídias é um recorte no tempo e espaço, elaborado por um jornalista/enunciador, não é possível prever, nem afirmar o alcance de sua enunciação, pois, devemos levar em consideração todos os fatores que constituíram e atravessaram cada leitor.

Ainda no percurso teórico, levantamos a discussão sobre *resistência* e *produção de subjetividade*. O paralelo que propomos nos trabalhos de Foucault (1989) e Guattari (1986) a expõe que resistir é produzir subjetividade. A resistência é capaz de gerar uma modificação do indivíduo que se atualiza e produz nova subjetividade. Trazendo essa proposta para o nosso trabalho, discutimos a questão do *impeachment*. O sentido atribuído à palavra *impeachment* é

atualizado quando a palavra *golpe* surge como forma de resistência. O grupo que resiste aos discursos de *impeachment* disputa o sentido ao chamar tal evento de *golpe*. Essa formulação deixa claro que existe um embate em questão e uma luta política dos valores atribuídos a tais palavras. Sem dúvida, essa maneira de resistir produz uma subjetividade que atualiza o indivíduo inscrito na discussão- direta ou indiretamente. Sejam eles políticos, manifestantes ou meros espectadores.

O aporte basilar, da perspectiva da AD, para compor a análise foi assimilado dos estudos de Maingueneau (2007). A noção de prática discursiva nos faz perceber que os enunciados estão condicionados a dois enfoques principais: a comunidade discursiva a que o indivíduo está inserido e, as formações discursivas que os atravessaram durante toda vida. Na semântica global apreendemos a dimensão dada aos discursos. A noção de *intertextualidade* infere que nossos discursos são permeados dos discursos do outro. Nada é novo no conteúdo, mas é inédito se considerarmos que o tempo e o espaço da enunciação não serão nunca o mesmo.

A inclinação em analisar o gênero jornalístico, nas mídias digitais, veio primeiramente, pela praticidade na coleta dos dados. Em segundo lugar, por acreditar que muitos brasileiros utilizam as mídias digitais para obterem informações. Uma pesquisa realizada pelo IBGE¹², em 2014, indica que 54,9% dos brasileiros possuem acesso à internet em casa, em números reais, isso se aproxima de 36,8 milhões de pessoas. Ainda que a maioria dos leitores prefira o formato tradicional impresso para a leitura do noticiário, 79% dos entrevistados de acordo com a pesquisa realizada pelo Portal Brasil¹³, não devemos desconsiderar o crescente uso das mídias para atualização dos acontecimentos no país. Mas, sem dúvida alguma, o nosso grande interesse em debruçar nossas pesquisas em jornais, foi justamente ter acesso e alcance ao que está sendo divulgado em estados diferentes, principalmente o acesso digital. Não nos inclinamos em fazer uma análise pormenorizada pela ótica jornalística. E sim, o que as notícias puderam produzir nesses espaços discursivos que selecionamos criteriosamente.

Chegamos então a um direcionamento que pudesse nos inspirar a uma análise dos materiais colhidos. Numa coletânea que totaliza 39 notícias dos jornais Folha de S. Paulo e Correio 24h. Essas matérias versavam sobre o *impeachment*, mas como encaminhamento delimitamos as notícias que tematizam as manifestações. Muitos enfoques foram percebidos,

¹²<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/internet-chega-pela-1-vez-mais-de-50-das-casas-no-brasil-mostra-ibge.html>

¹³<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/percentual-de-leitores-de-jornal-impresso-permanece-estavel-aponta-pesquisa-brasileira-de-midia>

contudo, observamos que a entrada apropriada para o nosso material seriam os discursos relatados, indiretos e narrativizados. O jornal Folha de S. Paulo traz duas matérias que divergem no que tange ao corpo que é dado a notícia. Enquanto que a primeira notícia é permeada de discursos narrativizados, a segunda notícia é recheada de vozes relatadas. Se por um lado a primeira notícia se apresenta como uma mera descrição de fatos, a segunda se coloca na cena de um bar, onde os clientes tomam corpo e voz de manifestantes. Nessa notícia entram em disputa muitas vozes e embates sobre o impedimento da presidente Dilma Rousseff.

Já no jornal Correio 24h, os enunciadores se posicionam de maneira a descrever os eventos ocorridos, e por isso, a utilização do discurso narrativizado impera na construção das notícias. Percebemos que, em alguns momentos, existe o apagamento de vozes que deveriam ser prioridades na matéria, como por exemplo, as vozes dos rodoviários quando o que está em joga é a paralisação dos mesmos e apenas o representante do sindicato e secretario de mobilidade urbana.

Compreendemos, portanto, que existem preocupações diferentes, no que tange os aspectos linguísticos, na produção dos textos das cidades analisadas. Enquanto que em São Paulo, podemos observar que a produção da notícia se dá com recurso das vozes do outro de forma direta (DD); os jornais da Bahia, em sua maioria, aposta no levantamento da notícia, utilizando o discurso narrativizado, na maioria das vezes, caracterizando, assim, uma postura onde assume a responsabilidade do dito, pois apaga a voz do outro, gerando uma notícia classificada como descritiva. Por outro lado, podemos também observar a ocorrência dos discursos segundos e somando-se a isso as designações que nos mostram a quem está sendo dado o lugar de fala.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Debora. Polêmica Como Inter-incompreensão. 2001. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci064.htm>>. Acesso em: 04 abr. 2016.
- ALVIM, Davis Moreira. A Megamáquina política: poder, resistência e deserção. *Kínesis*, Porto Alegre, n. 7, p.303-319, jul. 2012.
- _____. O rio e a rocha: resistência em Gilles Deleuze e Michel Foucault. *Intuito*, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p.78-90, nov. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewArticle/5978>>. Acesso em: 28 mar. 2016.
- ALZAMORA, Geane Carvalho; RODRIGUÉS, Tacyana Karinna Arce. “Fora Rede Globo”: a representação televisiva das “Jornadas de Junho” em conexões intermídia. *Revista EcopÓs*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p.1-12, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1288>. Acesso em: 05 fev. 2017.
- ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. Os dias que abalaram o Brasil: as rebeliões de junho, julho de 2013. *Revista Políticas Públicas*, São Luis, número especial, p.41-47, jul. 2014.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p.25-42, dez. 1990. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3012/4095>>. Acesso em: 05 fev. 2017.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. *Revista Galáxia*, São Paulo, v. 15, p.13-28, jun. 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1492/964>>. Acesso em: 05 fev. 2017.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13-41.
- DANTAS, Tiago. *Protesto anti-Copa tem novo confronto entre policiais e manifestantes*. 2014. Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/02/22/protesto-anti-copa-comeca-com-atencao-da-policia-e-promessa-e-nao-violencia.htm>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

DELEUZE, Gilles. “Desejo e prazer”. Tradução: Luiz B. Orlandi. In: PELBART, Peter; ROLNIK, Suely (Org.). *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC-SP, v.1, n.1, 1993.

_____. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: MACHADO, Roberto (Org.). *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. Desejo e prazer. Tradução: Luiz B. Orlandi. In: PELBART, Peter; ROLNIK, Suely (Org.). *Cadernos de Subjetividade*. São Paulo: PUC-SP, v.1, n.1, 1993.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. Argumentos para uma abordagem discursiva das práticas de linguagem no trabalho. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 49, n. 3, p.297-305, set. 2014. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/19106>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

_____. Poder e subjetividade: imagens da soberania e da liderança empresarial em um decreto presidencial. *Caleidoscópio*, São Leopoldo, v. 11, n. 2, p.124-134, ago. 2013.

Disponível em:

<<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2013.112.03>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

_____. Vozes em embate na mídia de informação e produção da objetividade: polêmicas em torno da precarização do trabalho na escola. *Delta*, São Paulo, v. 27, n. 1, p.121-145, 2011.

Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/delta/search/authors/view?firstName=Décio&middleName;=&lastName=Rocha&affiliation=UERJ / CNPq&country=BR>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

EDUARDO, Luiz Felipe Melo. *Mídias e manifestação popular: um embate de posicionamentos discursivos entre a imprensa brasileira e as mídias alternativas*. 2015. 249 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_f5dff9ae99c4bf33023d6355672ada96>. Acesso em: 05 fev. 2017.

FORNACIARI, Chistina Gontijo. Junho 2013: Arte e Política em Performances do Corpo Social. *Pitágoras*, 500, Campinas, v. 10, p.1-12, dez. 2016. Disponível em:

<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8647180>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução: Maria Thereza da Costa. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: MACHADO, Roberto (Org.). *Microfísica do poder*. Tradução: Roberto machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____; _____. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUIDA, Larissa. *Ciberativismo e o projeto de Internet livre: o controle em discussão*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LAVOURA, Luis Manuel da Silva. *Poder E Subjectivação Segundo Foucault E Deleuze*. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2009. cap. 4. Disponível em: <<http://razaoinadequada.com/2013/08/18/poder-e-potencia/>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. Pontes/Ed. da Unicamp, 1997

NARZETTI, Claudiana. *Gramáticos E Lingüistas: polêmica e interincompreensão*. 2001. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao11/artigos_06.php>. Acesso em: 04 abr. 2016.

PODER. S.i: Claire Parnet, 1989. (9 min.), son., color. Legendado. *Série Abecedário de Deleuze*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n20pTYFSiP8>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

REVEL, Judith. Resistência, subjetividades, o comum. *Lugar Comum*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 35, p.107-114, jan. 2008. Disponível em: <[uninomade.net/wp-content/files_mf/110210120912Resistências subjetividades o comum - Judith Revel.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/110210120912Resistências%20subjetividades%20o%20comum%20-%20Judith%20Revel.pdf)>. Acesso em: 28 mar. 2016.

ROMÃO, Wagner de Melo. #naovaitercopa: manifestações, Copa do Mundo e as eleições de 2014. *Agenda Política*, São Carlos, v. 1, n. 2, p.152-167, 2013. Disponível em: <<http://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/22>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

ROMAN Jakobson; *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix; 2007.

SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. Discurso relatado como estratégia organizadora da notícia. *Inforthe Especialist*, São Paulo, v. 24, p.167-184, 2003. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/9492>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

SCHERER-WARREN, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. *Caderno Crh*, Salvador, v. 27, n. 41, p.417-429, maio 2014.

SECCO, Lincoln. As Jornadas de Junho. In: VAINER, Carlos; HARVEY, David; MARICATO Ermínia et al. *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 124-138.

SOUZA, Pedro de. Resistir, a que será que se resiste?: o sujeito feito fora de si. *Linguagem em (dis)curso*, Tubarão, v. 3, n. , p.37-54, 2003. Disponível em: <www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/245/260>. Acesso em: 28 mar. 2016.

SOUZA, Washington Luis. Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault. *Revista Múltiplas Leituras*, São Paulo, v. 2, n. 4, p.1-2, fev. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/3160/2911>>. Acesso em: 28 mar. 2016.

SOUZA, Nivaldo; CARAM, Bernardo. Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma Diap. *O Estadão. São Paulo*, p. 1-2. 06 out. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

VAINER, Carlos. Quando a cidade vai às ruas. In: VAINER, Carlos; HARVEY, David; MARICATO Ermínia et al. *Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 62-72.

VIEGAS, Ilana da Silva Rebello. Os verbos dicendi na construção de personagens da literatura. *Só Letras*, São Gonçalo, v. 16, n. 1, p.118-129, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/5016>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

ANEXO A- NOTÍCIA 1 – JORNAL FOLHA DE S. PAULO**Ato contra impeachment termina em confusão no metrô de SP; veja vídeo**

DE SÃO PAULO

16/04/2016 18h47 - Atualizado às 20h03

Um ato de grupo de manifestantes contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT) terminou em confusão com seguranças do metrô de São Paulo noite deste sábado (16). O processo de impedimento da petista será votado neste domingo (17) na Câmara.

No fim da tarde, cerca de 2.000 pessoas haviam participado de um desfile de blocos carnavalescos contra o impeachment.

A confusão começou quando o grupo tentou pular as catracas da estação República, no centro da cidade, para seguir em direção ao largo da Batata, em Pinheiros (zona oeste).

Usando cassetetes, os seguranças impediram os manifestantes de entrar na estação. Depois, um grupo conseguiu ultrapassar a barreira. Houve agressões dos ambos os lados.

Em seguida, o clima esfriou e os manifestantes conseguiram embarcar sentido largo da Batata.

O desfile deste sábado foi apelidado de "Arrastão dos Blocos" e reunia uma série de blocos carnavalescos da capital paulista.

As marchinhas faziam referência ao impeachment, chamando o processo de "golpe contra a democracia".

O desfile começou na praça do Patriarca e passou por outros pontos do centro, como largo do Paissandu, avenidas Ipiranga e São João. Com muitas criança e bandeiras, o clima era pacífico.

ANEXO B - NOTÍCIA 2 – JORNAL FOLHA DE S. PAULO

Impeachment gera reações e atritos em bares de Brasília



Grupo assiste votação pelo seguimento do processo de impeachment em bar de Brasília

**JOHANNA NUBLAT
NATÁLIA CANCIAN
DE BRASÍLIA**

17/04/2016 21h22 - Atualizado em 18/04/2016 às 00h17

"Olha a contagem regressiva", anunciava o garçom do bar Libanus, em Brasília, assim que o placar do impeachment na TV chegou a 322 votos.

Clientes vibraram e aplaudiram. Faltavam apenas 20 votos para que o processo fosse autorizado a seguir no Congresso.

"Vai dar impeachment, mas até que esse resultado saia, ficamos apreensivos", disse o aposentado André Fortes, 62, camiseta amarela e verde com dizeres pró-impeachment. "Amanhã tinha que ser ponto facultativo", disse a empresária Renata Faria, 36, que parou no bar junto com um grupo de amigos após a manifestação.

A cada voto a favor do impedimento, o grupo gritava "fora, corruptos!". Já votos contrários, recebiam a alcunha de "vendido!".

Em Brasília, a votação do impeachment que levou a Esplanada dos Ministérios a ser separada ao meio por um muro gerou divisões também nos bares.

No Bierfass, bar no Lago Sul, as TVs ganharam volume alto assim que começou a votação. Garçons revezavam o atendimento com o olhar atento à telinha. Lá, a maioria do público era favorável ao impeachment. "Peguei outro traíra aí", dizia um cliente, enquanto tirava fotos dos deputados na TV votavam contra a deposição da presidente.

Quando o deputado Paulo Maluf (PP-SP) votou a favor, houve aplausos e gritos. "Rouba mas faz! Meu prefeito!", disse outro, aos risos. "Tchau, Dilma!"

Com o avanço da votação, o advogado Fabrício Rubiale, 41, comemorou: "Está maravilhoso". "Particpei do movimento estudantil. Pude conhecer de perto o PCdoB e o PT. Cheguei a acreditar nesses partidos. Rapidamente percebi que era muito discurso e pouca prática", disse ele, que veio de Vitória (ES) para acompanhar a manifestação.

Já no Libanus, a divisão começou mais cedo. No início da tarde, clientes vestidos de verde e amarelo gritaram palavras de ordem contra outros, vestidos de camisetas vermelhas. "Vai ter impeachment", disse o grupo, que ouviu em resposta: "Não vai ter golpe."

A cena fez com que a assessora especial Cristiane Nascimento, 35, resolvesse voltar ao bar horas depois, já à noite, para acompanhar a votação.

"Vi que tinha mais gente do nosso lado", diz ela, que é a favor do impeachment e filmou a cena —as provocações, diz, foram apenas verbais. Estava certa sobre a maioria: à noite, havia apenas um cliente de camiseta vermelha, alvo de gritos de "Tchau, querido".

"O bar todo estava contra mim", disse o funcionário público Cláudio Cardoso, 51, que afirma ser contra o impeachment. "Pela democracia com que Dilma foi eleita com o voto do povo. Temos a convicção de que vai ser barrado no STF."

Mesmo favoráveis ao impeachment criticavam as repetidas falas dos deputados sobre votar em favor da família. "Fazem tudo pela família, mas e o eleitor?", disse a dona de casa Fernanda Curi, 44.

Também não havia consenso sobre quem seria a melhor opção após possível saída da presidente. "Para tirar a Dilma e o Lula, é preciso engolir esses caras por um tempo", disse a assistente social Adriana Guedes, 44, referindo-se ao vice-presidente, Michel Temer (PMDB-SP), e ao presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ).

CONTRA A SAÍDA

Com o desenrolar da votação, no início da noite, o grupo de pessoas contrárias ao impeachment que se reunia no 400, um pequeno bar alternativo na Asa Norte, foi ficando agitado, se aproximando da TV, fazendo contas e falando mais alto.

Renata Agostinho, 44, comparou a longa votação a um jogo de basquete. "Você sofre muito, mas só importam os últimos cinco minutos." Agostinho reclamou dos deputados que diziam votar em defesa da família. "É muito previsível se vai votar 'sim' ou 'não'. Se começa a falar de família, é 'sim'."

Um meme compartilhado entre amigos dela ironizava o termo: "Por minha Família, voto sim".

"Pela minha mãe, meu pai e pela Xuxa, eu voto sim", brincou Cláudia Maia, 48, funcionária pública, imitando os deputados pró-impeachment. "É uma vergonha isso."

Em outra mesa do bar, o jornalista Júlio Araújo, 45, se dizia surpreso com tantos deputados se pronunciando contra a corrupção "falando de frente para a corrupção, de frente para o Eduardo Cunha". Araújo confiava nos votos do Nordeste para salvar o placar em favor da presidente Dilma.

Na mesa vizinha ao jornalista, um funcionário do STJ (Superior Tribunal de Justiça) que não quis se identificar festejou sucessivos votos do Ceará contrários ao impedimento. "Se o Brasil tivesse dez Ceará..."

"Tchau, querido!", gritou uma cliente após um voto em favor do impedimento, usando ironicamente a frase do grupo pró-impeachment.

Com 327 votos a favor do impeachment, as cadeiras do bar começaram a ser recolhidas.

Apesar de o placar caminhar para uma decisão contrária à presidente Dilma, o grupo manteve o bom humor até o final. "Tá quanto? Tá foda. Tá foi", disse Renata Agostinho, respondendo a uma pergunta sobre o resultado.

"NÃO É COPA DO MUNDO"

Enquanto o Congresso ainda se preparava para iniciar a sessão e manifestantes favoráveis e contrários à presidente Dilma se juntavam na Esplanada dos Ministérios, o clima nas ruas de Brasília era calmo.

Shoppings na área central da cidade fecharam as portas e havia pouco movimento — com exceção da manifestação na Esplanada e de bares e restaurantes. Em parte dos estabelecimentos, TVs estavam ligadas transmitindo notícias sobre o impeachment.

Apesar do clima de aparente tranquilidade, o resultado da votação era uma preocupação comum.

"Está todo mundo ligado, mas não é a Copa do Mundo. Está todo mundo triste. Não são duas torcidas, são dois adversários", afirmou o corretor Alexandre Sola, 43, que passeava com a família em volta do lago Paranoá no início da tarde. A comparação com uma final de campeonato de futebol era recorrente.

"Qualquer coisa que acontecer hoje será ruim. Todos sentem na pele o desgoverno da Dilma, mas ninguém acredita que vem alguma coisa boa", diz o comerciante Marcelo André, 67, que almoçava com a família, mas não desligava dos fones de ouvido por onde ouvia as

notícias pelo rádio. "Não dá para comemorar, para um lado ou para o outro. É como assistir a um jogo de dois times estrangeiros", completou.

No bar Boteco, na Asa Sul de Brasília, no entanto, o gerente Antônio Moreira optou por separar futebol e política. Segundo ele, clientes haviam ligado mais cedo manifestando interesse de ver uma partida. Outros queriam ver o destino de Dilma.

A solução encontrada foi deixar uma TV em cada parte do salão para cada opção. "Muita gente não vai à manifestação, mas vem para o bar assistir", disse.

Nas ruas, era comum ouvir buzinas entre os carros. Também havia quem circulasse com placas de "Tchau, querida", frase utilizada por movimentos pró-impeachment.

ANEXO C - NOTÍCIA 3 – JORNAL CORREIO 24H**Contra impeachment, rodoviários de Salvador fazem paralisação na manhã desta sexta**

Eles também pedem que empresários continuem negociações salariais

Da Redação (redacao@correio24horas.com.br)

Atualizado em 15/04/2016 06:36:50

Os rodoviários de Salvador vão fazer uma paralisação das 4h às 8h desta sexta-feira (15). No período, os ônibus permanecerão nas garagens, saindo só então para iniciar os roteiros do dia. Segundo o Sindicato dos Rodoviários, o protesto é tanto pedindo reajuste salarial como uma manifestação contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff, que será votado pela Câmara no domingo.



(Foto: Arquivo CORREIO)

"Primeiro a gente tem uma pauta de reivindicações que foi entregue aos empresários, eles têm uma contraproposta que não atende. É um protesto pela falta de capacidade de negociar dos empresários. E também é um apoio à democracia contra a perpetração de um golpe dos empresários, através da Fiesp, das empresas", diz o Daniel Mota, diretor de comunicação do sindicato. "Somos a favor da democracia, contra o impeachment da presidente Dilma".

O secretário de Mobilidade Urbana (Semob), Fábio Mota, afirma que a prefeitura não foi informada da decisão. "Não recebemos nenhum comunicado. É uma paralisação

irresponsável, com cunho político, e vamos tomar as providências cabíveis caso realmente aconteça", disse ele em contato com o CORREIO. "Se configura paralisação, vamos multar as concessionárias pelas 4 horas paradas", afirma. "Para fazer uma paralisação é preciso publicar (a decisão), comunicar".

Segundo ele, a prefeitura está preparada para enviar o transporte alternativo para os principais corredores da cidade.

ANEXO D - NOTÍCIA 4 – JORNAL CORREIO 24H**Manifestação contra impeachment provoca 5km de engarrafamento na
BR-324**

O protesto, organizado por grupos de apoio ao governo, deixou trânsito lento

Da Redação (redacao@correio24horas.com.br)
15/04/2016 07:19:00 Atualizado em 15/04/2016 09:03:25

Manifestantes interromperam o trânsito na BR-324, próximo ao município de Simões Filho, na Região Metropolitana de Salvador, em protesto na manhã desta sexta-feira (15). A paralisação, iniciada por volta das 5h, interrompeu as duas faixas da via no sentido Feira de Santana, no km-608.

Segundo testemunhas, os manifestantes fazem uma carreata em protesto contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff, que será votado na Câmara dos Deputados neste domingo (17). O protesto, organizado por grupos de apoio ao governo, provocou um engarrafamento de aproximadamente 5km.

Equipes da Polícia Rodoviária Federal (PRF) e da Via Bahia, concessionária que administra a rodovia, foram enviadas ao local para negociar a liberação da via. Por volta das 6h20, uma das faixas no sentido Feira de Santana foi liberada. Por volta das 6h45, as duas faixas foram liberadas pelos manifestantes, segundo a Via Bahia.

Via Parafuso

Grupos de apoio ao governo, ligados à Central Única dos Trabalhadores (CUT), também fecharam a BA-535, a Via Pafuso, em Camaçari. Os manifestantes fecharam a via por volta das 5h e mantiveram a ocupação até as 8h, segundo o Batalhão de Polícia Rodoviária Estadual (BPRE).

ANEXO E - NOTÍCIA 5 – JORNAL CORREIO 24H**Bancários fazem paralisação parcial e participam de ato a favor da democracia em Salvador**

Abertura das agências foi atrasada. Nesta tarde, às 15h, um ato reúne movimentos a favor da Democracia no Campo Grande

Da Redação (106edação@correio24horas.com.br)
15/04/2016 09:19:00 Atualizado em 15/04/2016 09:23:28

As agências bancárias no Centro de Salvador e nas principais cidades baianas vão abrir uma hora mais tarde, às 11h, nesta sexta-feira (15). A paralisação da categoria é parcial e faz parte do Dia Nacional de Luta e Paralisações, um protesto contra o impeachment da presidente Dilma Rousseff.

Além disto, os bancários vão participar de um ato político e cultural que reúne movimentos a favor da Democracia. O ato está marcado para às 15h no Campo Grande, e segundo o Sindicato dos Bancários, não há paralisação prevista para o fim do expediente da categoria hoje.

Votação do impeachment

Os deputados federais começam a analisar na manhã desta sexta (15), no plenário da Câmara, o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Os parlamentares discutirão e votarão o relatório que foi aprovado pela comissão especial do processo de afastamento da presidente.

O jurista Miguel Reale Junior, um dos autores da denúncia contra a presidente, apresenta os motivos do pedido de impeachment. O advogado-geral da União, José Eduardo Cardozo, fará a defesa de Dilma, também por 25 minutos.

Paralelamente às apresentações da acusação e da defesa, será aberto prazo para que os deputados interessados em discursar sobre o processo se inscrevam na Mesa Diretora. São necessários, no mínimo, 342 votos para que o relatório seja aprovado, e o processo siga para o Senado.

As inscrições serão encerradas às 11h. Os inscritos poderão se manifestar da tribuna da Câmara, por três minutos, no sábado (16), em sessão marcada para ter início às 11h, conforme cronograma definido pelo presidente da Casa, deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) e os líderes partidários.

Durante o todo o processo de discussão e votação, serão realizadas sessões de quatro horas, prorrogáveis por mais uma hora, quantas forem necessárias até a conclusão da votação, prevista para domingo (17).

ANEXO F - NOTÍCIA 6 – JORNAL CORREIO 24H**Integrantes do MST fecham parte da BR-324 em marcha rumo ao Farol da Barra**

De acordo com os organizadores, cerca de três mil pessoas participam do ato

Da Redação (redacao@correio24horas.com.br)
16/04/2016 10:16:00 Atualizado em 16/04/2016 11:11:01

Integrantes do Movimento Sem Terra (MST) ocuparam na manhã deste sábado (16) algumas vias da BR-324, no quilômetro 604. Eles iniciaram uma marcha em direção ao Farol da Barra, em Salvador, e a previsão de chegada na capital baiana é ao meio dia. De acordo com um dos organizadores do movimento, cerca de três mil pessoas estão participando do ato, mas a expectativa é de que o número total chegue a cinco mil.



Integrantes do MST têm como destino final do Farol da Barra, em Salvador (Foto: Betto Jr./CORREIO)

"Estamos na BR-324 e vamos sair em caminhada até a Barra. Vamos permanecer por lá até amanhã quando vai ser realizada um missa campal em homenagem aos 20 anos do Massacre de El Dorado dos Carajás", explicou Valdemir Santana, da Central Única dos Trabalhadores (CUT), ao CORREIO.

Os integrantes do MST se concentram em parte da via e no canteiro central, o que deixa o fluxo de veículos intenso na região.

Em nota, a Polícia Rodoviária Federal orientou os usuários para evitarem a via por conta do congestionamento que seria formado. "A PRF estará trabalhando com reforço no efetivo para garantir a manutenção da ordem pública com ações isentas e com adoção de protocolos de uma polícia de estado, para, com isso, diminuir os transtornos aos usuários das rodovias", afirmou.

ANEXO G - NOTÍCIA 7 – JORNAL CORREIO 24H**Manifestantes contra e a favor do impeachment se reúnem na Barra e no Jardim de Alah**

Até às 15h deste domingo nenhuma ocorrência relevante foi registrada pela SSP; efetivos policiais foram reforçados

Da Redação* (redacao@correio24horas.com.br)
17/04/2016 16:15:00 Atualizado em 17/04/2016 19:51:26

O Farol da Barra e o Jardim de Alah receberam manifestantes contra e a favor do impeachment, respectivamente, na tarde deste domingo (17). No Farol da Barra, a chamada "Vigília contra o Golpe" reuniu manifestantes desde a noite de sábado, quando integrantes do Movimento Sem Terra (MST) acamparam no gramado do local. Ainda não há informações oficiais sobre estimativa de público, mas líderes do movimento afirmam que o público chega aos 70 mil.

Presente na manifestação pró-governo, os vereadores Gilmar Santiago e Aladilce, ambos do PT, destacaram a importância histórica do momento. "Amanhã, mesmo com Dilma no governo, vamos continuar nas ruas porque eles vão continuar dando o golpe", afirmou Santiago. "Não pode ter golpe. Dilma tem que ficar e Cunha deve ser banido", complementou Aladilce.

No Jardim de Alah, grupo pró-impeachment se reuniu na área dos coqueiros, onde dois telões foram instalados. Em um minitrio, manifestantes subiram para discursar a favor do impeachment e contra a corrupção. Uma carreata deixou o trânsito congestionado no local.

Por volta das 15h30, por conta da ausência de áudio em um dos telões, os manifestantes invadiram a pista da Avenida Otávio Mangabeira para acompanhar um terceiro telão instalado próximo à calçada. Com buzinas, faixas e bandeiras, o grupo deixou livre apenas uma das faixas sentido Itapuã.

De acordo com Siqueira Costa Junior, liderança do Movimento Brasil Livre Bahia, por volta das 16h30, o público estimado pela organização era de 5 mil pessoas. "A gente espera reunir de 15 a 20 mil pessoas aqui no jardim de Alah, já que o nosso movimento foi esvaziado quando nos tiraram da Barra. Estamos com internet aqui cobrando dos deputados que estão ausentes do congresso e pressionando os indecisos. E quando acabar, estamos programando uma carreata até o Rio Vermelho em comemoração", afirmou.

Segundo o estudante Danilo Rocha, filiado ao Partido Social Cristão (PSC), a expectativa é que o público cresça até o início da votação na Câmara dos Deputados, prevista para ter início às 17h. "Não tivemos tempo de divulgar que a manifestação aconteceria aqui. O pessoal estava pensando que continuaríamos na Barra e muita gente foi pra lá e está voltando agora", opinou.

Circulando com um cartaz escrito "Fora PT", o médico José Neves, 66 anos, afirmou que o "Brasil vive um momento crítico por conta da quadrilha que tomou conta do poder". "O PT mostrou que é especialista em corrupção. O impeachment é o primeiro passo para tirar uma parte dos ladrões da política, que é o PT", disse.

Até às 15h deste domingo nenhuma ocorrência relevante foi registrada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA). Os efetivos policiais foram reforçados e agentes seguem infiltrados com o objetivo de prevenir e combater qualquer tipo de confusão. "A polícia está trabalhando para garantir que os cidadãos baianos possam expressar suas opiniões. Contamos com a colaboração da população e estamos preparados para intervir se existir a necessidade", afirmou o secretário Maurício Barbosa.

ANEXO H - NOTÍCIA 8 – JORNAL CORREIO 24H

Artistas baianos participam de manifestação pró-governo no Farol da Barra

Banda Aiyê, Russo Passapusso, Cláudia Garcia, Lazzo Matumbi, Alúcio Nunes são alguns dos artistas que confirmaram presença no Farol da Barra

Da Redação* (redacao@correio24horas.com.br)
17/04/2016 11:21:00 Atualizado em 17/04/2016 12:11:00

Manifestantes contrários ao processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, que vai ser **votado hoje a partir das 14h**, já estão concentrados no Farol da Barra, em Salvador. Eles **estão acampados desde ontem (16)** no local.

Segundo Cedro Silva, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT) na Bahia e um dos organizadores da manifestação na Barra, cerca de 5 mil integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) eram contabilizados no local na manhã deste domingo (17). No total, segundo Silva, já são 10 mil pessoas concentradas no Farol da Barra em ato contra o impeachment. Silva disse ainda que são esperadas 150 mil pessoas durante todo o dia.



(Foto: Juliana Montanha/CORREIO)

A Polícia Militar, entretanto, informou que a estimativa de público das manifestações a favor do impeachment, no Jardim de Alah, e anti-impeachment, no Farol da Barra, assim como o efetivo policial empregado nos dois locais, serão divulgados pelo Departamento de Comunicação da PM.

Porém, conforme o major Assemani, da 11ª Companhia Independente de Polícia Militar (CIPM/ Barra), o efetivo policial em cada manifestação será proporcional ao público esperado pela PM. Ele afirmou ainda que o reforço do policiamento vai acontecer também nas vias de acesso ao Farol da Barra e ao Jardim de Alah, assim como nos corredores de ônibus dos dois locais.

Ato começou cedo

No Farol da Barra, as atividades culturais começaram às 7h. Também na manhã de hoje, artistas baianos manifestam seu apoio ao governo no local. Dentre os artistas que confirmaram presença, estão a Banda Aiyê, Russo Passapusso, Cláudia Garcia, Lazzo Matumbi, Aluísio Nunes, dentre outros.

"A gente começou a mobilizar, a levar as pessoas para as ruas para explicar o que é crime de responsabilidade, que estão acusando a presidente Dilma", afirmou Cedro Silva.

Para acompanhar a votação, os manifestantes pró-governo estão montando um telão no Farol da Barra. A estrutura conta ainda com um trio grande, dois auxiliares e um mini trio. A previsão é de que a votação termine por volta das 21h.